



**UNIVERSIDADE SALVADOR – UNIFACS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO
REGIONAL E URBANO
MESTRADO EM ANÁLISE REGIONAL**

ADENILSON ROSA DOS SANTOS

**DESENVOLVIMENTO LOCAL: MITO OU REALIDADE? O CASO
DO PÓLO DE CONFECÇÕES DE JEQUIÉ/BA**

Salvador
2009

ADENILSON ROSA DOS SANTOS

**DESENVOLVIMENTO LOCAL: MITO OU REALIDADE? O CASO
DO PÓLO DE CONFECÇÕES DE JEQUIÉ/BA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Análise Regional, Universidade Salvador – UNIFACS, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Professor Doutor Noélio Dantaslé Spínola

Salvador
2009

Ficha Catalográfica

(Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da Universidade Salvador - UNIFACS)

Santos, Adenilson Rosa dos

Desenvolvimento local: mito ou realidade? o caso do pólo de confecções de Jequié/BA / Adenilson Rosa dos Santos. – Salvador, 2009.

100 p.: il.

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Desenvolvimento Regional e Urbano da Universidade Salvador – UNIFACS, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Noélio Dantaslé Spínola.

1. Desenvolvimento econômico - Bahia. 2. Comunidade - Desenvolvimento - Jequié - BA. 3. Indústria têxtil - Jequié - BA. I. Spínola, Noélio Dantaslé, orient. II. Universidade Salvador – Unifacs. III. Título.

CDD: 338.9

ADENILSON ROSA DOS SANTOS

**DESENVOLVIMENTO LOCAL: MITO OU REALIDADE? O CASO
DO PÓLO DE CONFECÇÕES DE JEQUIÉ/BA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Análise Regional, Universidade Salvador – UNIFACS, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Noélio Dantaslé Spínola – Orientador _____
Doutor em Geografia pela Universidade de Barcelona
Universidade Salvador - UNIFACS

Carolina de Andrade Spínola _____
Doutora em Geografia pela Universidade de Barcelona
Universidade Salvador - UNIFACS

Joseval M. Santana _____
Doutor em Desenvolvimento Regional e Urbano pela Universidade Salvador -
UNIFACS

Salvador, 17 de dezembro de 2009

Dedico este trabalho aos meus pais, que não tiveram as mesmas oportunidades que eu, no entanto vêem seus sonhos realizados através dos seus filhos.

AGRADECIMENTOS

Ao diretor das Faculdades Integradas de Jequié – o professor Euclides Nunes Fernandes - pelo apoio institucional e financeiro, determinantes para que este momento fosse possível.

Ao professor doutor Noélio Dantaslé Spínola, pela orientação, confiança, paciência e inúmeras contribuições fornecidas para a realização deste trabalho.

Ao Coordenador do programa de pós-graduação em Desenvolvimento Regional e Urbano da Unifacs – o professor doutor Alcides Caldas – através do qual agradeço a Instituição e a todos os professores do Programa.

À Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB – pela bolsa de incentivo, importante para financiar a pesquisa.

Aos meus familiares e amigos pelo incentivo, apoio e compreensão.

À Deus por ter permitido que tudo isso acontecesse.

A única prisão real é o medo. E a única
liberdade real é a liberdade de não ter medo.

Aung San Suu Kyi
Prêmio Nobel da Paz em 1991

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo discutir a importância da indústria de confecções de Jequié, para o desenvolvimento econômico do município, e as causas principais que contribuíram para o seu declínio. Os conceitos teóricos de desenvolvimento local e arranjos produtivos locais subsidiaram a análise das informações levantadas por meio de entrevistas com os principais atores envolvidos no processo, para assim se tornar possível observar melhor o mito gerado em torno de uma atividade econômica que por algum tempo foi considerada a principal mola propulsora do desenvolvimento local no município de Jequié. A indústria de vestuários se configurou durante um bom tempo como um dos principais setores empregadores de mão de obra, no entanto muitos fatores foram responsáveis pelo fim do apogeu de um setor, que representou uma das atividades econômicas mais importantes do estado da Bahia. As perspectivas de retomada de crescimento do setor com arranjos produtivos mais eficientes e voltadas para a sustentabilidade dos recursos naturais, gerando também desenvolvimento local, estão ainda muito incipientes. Os esforços de algumas instituições como a Prefeitura Municipal de Jequié, Sebrae e a Federação de Indústria da Bahia, dentre outros agentes, na tentativa de revitalizar o setor, apresentam resultados muito tímidos para a importância que esta atividade econômica representou no passado para a geração de empregos. Os investimentos no setor de confecções por meio de financiamentos voltados à pequena e micro empresa, buscando aproveitar a mão de obra que se encontra ociosa, precisam estar acompanhados de outras estratégias que visem gerar um desenvolvimento auto-sustentável. A análise desenvolvida, a partir de levantamento bibliográfico e pesquisa de campo, leva a concluir que as indústrias de confecções de Jequié não promoveram condições necessárias para a formação de um pólo de desenvolvimento. Por outro lado, o declínio das indústrias de confecções de Jequié, não deve ser atribuído apenas à gestão familiar. Além de outros fatores, faltou participação efetiva principalmente, dos segmentos políticos locais e do poder público estadual, no sentido de buscar soluções para um setor que contribuía fortemente na formação do PIB do Estado.

Palavras-chave: Arranjos produtivos locais. Desenvolvimento local. Indústria têxtil. Pólo de confecções.

ABSTRACT

This project aims at discussing the importance of clothing business in Jequié for the economical development in city and the main causes that contributed to its decline. The theoretical concepts of local development and local productive arrangements subsidized the analysis of the information that was given through interviews in the process, thus making possible observe better the myth that was created around an economical activity, in the local development of the city of Jequié for some time. The clothing industry was configured for some time, one of the main employing sector of labor, however many factors were responsible for the end of the apogee of a sector, that represented one of the most important economical activities in the state of Bahia. The perspective of the retaking of growth of the sector through more efficient productive arrangements and leading to a sustainability of the natural resources, bearing also local development, are still very incipient. The efforts of some institutions as the city hall of Jequié, Sebrae and Federação de Indústrias da Bahia, among other agents, making use of attempts to revitalize the sector, show very shy results to the importance that this economical activity represented in the past in the generation of jobs. The investments in the clothing sector through financings to the small and the micro companies, searching to take opportunity of the idle labor, need to be followed of other strategies that aim at bearing a self-sustainable development. This analysis was developed from bibliography and survey leads to the conclusion that the clothing industries did not promote necessary conditions to the formation of a region of development in Jequié. On the other side, the decline of the clothing industries in Jequié should not be just attributed to family management. As well as other factors, there was not mainly effective participation of local political segments and the state public power in the direction to search solutions to a sector that strongly contributed in the formation of the PIB of the state.

Key words: Local productive arrangements. Local development. Textile industry. Clothing region.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Rede viária baiana - 1930	37
Figura 2	Mapa da microrregião influenciada por Jequié	39
Tabela 1	População dos municípios sob a influência de Jequié	41
Tabela 2	Municípios sob a influência de Jequié – taxa de urbanização	42
Tabela 3	Procedência dos pacientes atendidos nos principais hospitais de Jequié – 2007	43
Figura 3	Mapa da malha rodoviária do Estado da Bahia	45
Quadro 1	Distâncias das principais cidades	50
Tabela 4	Evolução da população de Jequié – 1940/2007	51
Tabela 5	Percentual de crescimento populacional e inserção estadual e nacional – 1940/2007	52
Quadro 2	População das 10 maiores cidades baianas – 2000/2007	53
Figura 4	Jequié – distribuição das empresas – 2005	58
Tabela 6	Empresas em funcionamento no Distrito Industrial de Jequié – 1977/2000	60
Quadro 3	Jequié – empresas do distrito industrial - 2009	61
Tabela 7	Jequié: evolução das indústrias de confecções – 1980/2009	67
Quadro 4	Jequié: distribuição espacial das indústrias de confecções	68

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AABB	Associação Atlética Banco do Brasil
AIRJ	Associação das Indústrias de Roupas de Jequié
APL	Arranjo Produtivo Local
BIRD	Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento
CEPAL	Comissão Econômica para a América Latina e Caribe
DERBA	Departamento de Estradas e Rodagens do Estado da Bahia
DIJEQ	Distrito Industrial de Jequié
DIREC	Diretoria Regional de Educação e Cultura
DIRES	Diretoria Regional de Saúde
EFN	Estrada de Ferro Nazaré
FIEB	Federação das Indústrias do Estado da Bahia
FIJ	Faculdades Integradas de Jequié
FRISUBA	Frigorífico do Sudoeste Baiano S/A
FTC	Faculdade de Tecnologia e Ciência
HGPV	Hospital Geral Prado Valadares
IBC	Instituto Brasileiro de Café
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia Estatística
IERP	Instituto de Educação Regis Pacheco
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
ONU	Organização das Nações unidas
PIB	Produto Interno Bruto
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SEFAZ/BA	Secretaria da Fazenda do Estado da Bahia
SEI	Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
Sindivest	Sindicato da Indústria de Vestuários
SUDIC	Superintendência de Desenvolvimento Industrial e Comercial
SUS	Sistema Único de Saúde
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste Baiano
UTI	Unidade de Terapia Intensiva

SUMARIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	CONSIDERAÇÕES CONCEITUAIS SOBRE TEORIAS DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL	19
2.1	A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO E DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL	19
2.1.1	A teoria dos lugares centrais	21
2.1.2	François Perroux e o conceito de pólo de crescimento	22
2.2	DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO REGIONAL	24
2.3	DESENVOLVIMENTO LOCAL	26
2.4	ARRANJO PRODUTIVO LOCAL E O DESENVOLVIMENTO ENDÓGENO	30
2.5	A GLOBALIZAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO ENDÓGENO	31
2.6	DESENVOLVIMENTO LOCAL E COMPETITIVIDADE	32
3	JEQUIÉ E SUA MICRORREGIÃO DE INFLUÊNCIA	36
3.1	JEQUIÉ NO CONTEXTO MICRORREGIONAL	36
3.2	A CIDADE DE JEQUIÉ	46
3.2.1	Aspectos históricos	46
3.2.2	Informações geográficas	50
3.2.3	A dinâmica demográfica	51
3.2.4	Aspectos econômicos	54
3.2.5	Distrito Industrial de Jequié	59
3.3	A IMPORTÂNCIA DA INDÚSTRIA TÊXTIL E CONFECÇÕES	62
3.3.1	O pólo de confecções de Jequié	65
4	DISCUSSÃO SOBRE OS RESULTADOS	70
4.1	A IMPORTÂNCIA DO SETOR PARA A ECONOMIA LOCAL	70
4.2	PRINCIPAIS MERCADOS CONSUMIDORES	72
4.3	FATOR QUE PROPORCIONOU O CRESCIMENTO DO PÓLO DE JEQUIÉ	72
4.4	FATORES QUE CONTRIBUÍRAM PARA O DECLÍNIO	73
4.5	ESTRATÉGIA EQUIVOCADA	74
4.6	TENTATIVA FRUSTRADA DE ARRANJO PRODUTIVO	75
4.7	A RESPONSABILIDADE PELO FRACASSO	76
4.8	A FALTA DE PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO	77
4.9	A RESPONSABILIDADE DO SINDICATO DA INDÚSTRIA DE CONFEC-	78

	ÇÕES DE JEQUIÉ	
4.10	O ENIGMA DO PÓLO DE CONFECÇÕES DE JEQUIÉ	79
5	CONCLUSÃO	81
	REFERÊNCIAS	88
	APÊNDICE A - ROTEIRO PARA ENTREVISTA	92
	APÊNDICE B - ENTREVISTA SOBRE O PÓLO DE CONFECÇÕES DE JEQUIÉ	93
	APÊNDICE C - ENTREVISTA SOBRE O PÓLO DE CONFECÇÕES DE JEQUIÉ	95
	APÊNDICE D - ENTREVISTA SOBRE O PÓLO DE CONFECÇÕES DE JEQUIÉ	98
	APÊNDICE E - ENTREVISTA SOBRE O PÓLO DE CONFECÇÕES DE JEQUIÉ	99
	APÊNDICE F - ENTREVISTA SOBRE O PÓLO DE CONFECÇÕES DE JEQUIÉ	100

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento local está associado, normalmente, as iniciativas inovadoras e mobilizadoras da coletividade, articulando as potencialidades locais nas condições dadas pelo contexto.

Alguns autores afirmam que as comunidades procuram utilizar suas características específicas e suas qualidades superiores e se especializar nos campos em que têm uma vantagem comparativa com relação às outras regiões, para impulsionar o desenvolvimento local.

As experiências bem-sucedidas de desenvolvimento local decorrem, quase sempre, de um ambiente político e social favorável, expresso por uma mobilização, e, principalmente, de convergência importante dos atores sociais do município ou comunidade em torno de determinadas prioridades e orientações básicas de desenvolvimento.

Representa, neste sentido, o resultado de uma vontade conjunta da sociedade que dá sustentação e viabilidade política a iniciativas e ações capazes de organizar as energias e promover a dinamização e transformação da realidade.

Algumas perspectivas de desenvolvimento local foram equivocadas por não conseguirem aglutinar muitas dessas características relevantes para a sua sustentabilidade.

A tentativa de promover o desenvolvimento econômico em regiões menos desenvolvidas por meio da industrialização, não logrou os resultados esperados por seus planejadores, principalmente na Bahia. Alguns fatores contribuíram para isso, dentre os quais, em Jequié, pode-se destacar a falta de articulação entre os atores locais e os órgãos planejadores.

A cidade de Jequié¹, e o seu Pólo de Confecções, examinado neste estudo, é um exemplo desse insucesso. Considerado administrativamente como um promotor de desenvolvimento para a região, o Pólo em questão, não obteve a longo prazo os resultados esperados pelos órgãos estaduais de fomento. A final as indústrias de confecções de Jequié não conseguiram formar um arranjo produtivo local que

¹ Neste trabalho estão sendo considerados exclusivamente os núcleos urbanos principais dos municípios, ou seja: as cidades. A consideração do município implicaria numa ampliação territorial da pesquisa com o envolvimento de distritos, vilas e povoados.

melhorasse as condições competitivas das mesmas em relação ao mercado que se tornou muito competitivo a partir da década de 1980. Nesse período, as maiores indústrias de confecções de Jequié pediram falência.

Com este estudo, ao examinar-se a experiência mal sucedida na cidade de Jequié, espera-se contribuir para a construção de alternativas que possam auxiliar na redução das diferenças locais e regionais de emprego e renda, tão evidentes no estado da Bahia.

Esta investigação apoiou-se na importância de Jequié para os municípios do seu entorno, ao desempenhar a função de cidade central que concentra os principais bens e serviços oferecidos na micro-região², onde o governo estadual estrategicamente busca desenvolver ações que objetivem a redução da pobreza ali estabelecida.

Observa-se, contudo que o resultado destas ações, mediante a adoção de políticas industriais, não têm sido satisfatórias e as desigualdades permanecem impedindo o desenvolvimento econômico local e a sua equiparação com outras regiões mais prósperas do Estado.

Sabe-se que o desenvolvimento local é o resultado de múltiplas ações convergentes e complementares capazes de quebrar a dependência e a inércia do subdesenvolvimento e do atraso em localidades periféricas e promover uma mudança social no território. (BUARQUE, 1999).

Em Jequié, a indústria de confecções, protagonizou uma das mais importantes fases de desenvolvimento econômico da cidade. A importância desse setor para a sociedade local foi evidenciada principalmente na década de 1980 quando, segundo Carlos Roberto Machado³, Secretário Municipal de Planejamento de Jequié, gerou 3.000 empregos diretos, beneficiando, principalmente, parte da população de baixa renda que vivia na sede do município. Posteriormente esta atividade industrial entrou em decadência e o que restou foi elevado número de pessoas que, na informalidade, permanecem sobrevivendo da indústria de vestuário por meio de facções com grifes de outras regiões.

Como a identidade econômica e cultural de Jequié está intimamente refletida na atividade de produzir vestuários, este assunto continua sendo discutido pelos

²A seguir define-se o entendimento do que seja micro-região para fins deste estudo.

³Carlos Roberto Machado – secretário de Planejamento da Prefeitura Municipal de Jequié, em entrevista concedida ao autor da pesquisa, em novembro de 2008.

diversos segmentos da sociedade local que busca respostas para o insucesso registrado e procura construir novas estratégias capazes de promover o desenvolvimento local por meio de arranjos produtivos voltados para as pequenas e micro empresas do ramo de confecções.

Neste contexto político, social, econômico e tecnológico, dependendo das iniciativas dos governos federal e estadual, a indústria de confecções de Jequié talvez possa se tornar novamente uma alternativa para a economia formal da cidade.

Neste trabalho, são apresentadas algumas abordagens sobre a teoria do desenvolvimento local, arranjos produtivos locais (APLs); a importância da indústria de confecções na Bahia; o contexto histórico do município, bem como as tentativas de promoção do pólo de confecções envolvendo os principais agentes que compuseram o cenário do apogeu deste setor de confecções e finalmente a conclusão que apresenta uma visão crítica sobre as expectativas reais de desenvolvimento local, a partir da revitalização do setor de produção de vestuários.

Diante do exposto esse estudo tem como objetivo geral: Conhecer as principais causas do declínio do Pólo de Confecções de Jequié. E como objetivos específicos: analisar o contexto socioeconômico do município; destacar a influencia do município na microrregião; descrever o perfil da gestão empresarial da época.

Diante da importância dos estudos que visam entender o não desenvolvimento das regiões economicamente deprimidas, cuja explicação tem se transformado em fonte de conhecimento teórico aplicados para orientar intervenções políticas governamentais, procurou-se responder a seguinte indagação: por que o Pólo de Confecções de Jequié não deu certo?

Para atingir os objetivos propostos se fez necessário definir um plano de investigação que permitiu a coleta dos dados e a análise de informações na forma mais racional possível, economizando esforços, recursos financeiros e tempo.

A metodologia utilizada para esta investigação se fundamentou no estudo descritivo. O estudo descritivo é o tipo de estudo mais adequado quando o pesquisador necessita obter melhor entendimento a respeito do comportamento de vários fatores e elementos que influem sobre determinados fenômenos.

O cenário da pesquisa foi a cidade de Jequié, analisada nos seus aspectos econômicos, culturais e geográficos, por estarem intrinsecamente ligados ao objeto a ser estudado.

Como técnica de coleta de dados foi utilizada a de questionários estruturados para entrevistas, estudo de dados secundários e documentais relacionados com cada fase da pesquisa. As entrevistas foram realizadas com pessoas de diversos segmentos importantes para o entendimento e identificação dos fatores que contribuíram para o fracasso do Pólo de Confeções de Jequié.

O método escolhido para a realização da pesquisa foi o estudo de caso, uma vez que a resposta ao problema proposto exige a elaboração de um diagnóstico para se obter a descrição da realidade existente no local.

O estudo de caso, conforme Yin (2001), objetiva examinar acontecimentos contemporâneos, contando com muitas técnicas das pesquisas históricas e utilizando a observação direta e a série sistemática de entrevistas.

A realização dessa pesquisa implicou em diversas etapas, conforme descrição a seguir.

A primeira etapa compreendeu a recuperação de dados e informações de fontes secundárias mediante pesquisa bibliográfica, na qual foram feitas consultas a livros, artigos, reportagens e documentários que tratava do objeto pesquisado. Os dados coletados e utilizados na pesquisa foram obtidos nos censos realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nos dados sócio-econômicos da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI) e em outros órgãos públicos do estado da Bahia e do Brasil, a exemplo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

Ainda nesta etapa foi realizada uma revisão de literatura a respeito da análise regional e suas características peculiares, enfatizando o desenvolvimento econômico e o desenvolvimento local, de acordo com os principais autores, que tratam do tema e que constam das referências desta dissertação. A investigação foi, também, documental, pois se valeu de documentos de organizações que também pesquisam sobre o empreendimento, como relatórios, circulares, formulários e outros.

A segunda etapa consistiu na pesquisa de campo na qual se realizou uma investigação empírica nos locais onde ocorreram os fenômenos ou que dispunham de elementos para explicá-los, mediante o uso de instrumentos de pesquisa como entrevistas e aplicação de questionários.

Por se tratar de um estudo de caso, dentre os instrumentos de coleta citados acima, considerou-se a entrevista como melhor instrumento para obtenção dos dados referentes ao tema em questão.

As entrevistas foram do tipo por pauta (VERGARA, 2004), onde o entrevistador agenda vários pontos a serem abordados com o entrevistado, possuindo uma maior profundidade no estudo.

A terceira etapa consistiu na análise e interpretação dos dados coletados para buscar respostas às questões norteadoras da pesquisa, onde os dados qualitativos foram interpretados subjetivamente a partir da fundamentação teórica e da experiência do autor.

Este estudo está estruturado com uma introdução e mais três capítulos, além da conclusão, referências e apêndice.

O segundo capítulo é destinado à fundamentação teórica. Neste capítulo são desenvolvidas as considerações sobre a teoria do desenvolvimento local para que o leitor tenha uma visão teórica sobre o tema a partir do entendimento de alguns estudiosos a respeito do assunto. Este capítulo fornece os conhecimentos que nortearam a discussão sobre os resultados da pesquisa.

Ainda estão inseridas neste capítulo, como alicerce para a discussão do objeto de estudo, as características e definições de Arranjos Produtivos Locais e Pólo de Crescimento. Esta base conceitual sustenta os argumentos do autor na discussão dos resultados da pesquisa.

No terceiro capítulo estão inseridas as informações sobre *Jequié no contexto regional*, onde se verifica a sua influência econômica na região polarizada. Neste capítulo, observa-se o crescimento de outras cidades pólos que expandem suas fronteiras de influência econômica, atraindo outros municípios que anteriormente sofriam influência apenas da cidade de Jequié. Neste capítulo procura-se caracterizar Jequié, sua história, seus aspectos sociais e econômicos, observa-se a implantação do Distrito Industrial de Jequié e sua evolução. As informações contidas aqui ajudam a entender o fenômeno a ser estudado.

Ainda no terceiro capítulo, discute-se o Pólo de Confecções de Jequié e a importância da indústria têxtil na Bahia. A história do surgimento, apogeu e declínio do setor que foi, na visão de alguns entrevistados, o principal empregador de mão de obra em Jequié na década de 1980.

No capítulo quarto, foram discutidos e analisados os principais questionamentos e respostas obtidas por meio das entrevistas realizadas com alguns personagens que viveram de perto o auge e o declínio das indústrias de confecções de Jequié.

A última parte deste trabalho se refere às conclusões sobre o objeto estudado, principalmente sobre as razões que levaram o setor de confecções de Jequié ao declínio.

Esta parte discute também algumas possibilidades que ainda podem representar, talvez não mais o ressurgimento do setor com o destaque que já obteve ao longo da história, mais pelo menos que aproveite o potencial de mão de obra existente no município.

2 CONSIDERAÇÕES CONCEITUAIS SOBRE TEORIAS DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL

O desenvolvimento econômico não se distribui de forma homogênea no espaço. Os diferentes níveis de complexidade atingidos pelo aparato produtivo nas diversas regiões trazem implicações políticas e sociais evidentes. Diante do exposto, fica evidente a importância dos estudos relacionados à distribuição espacial do desenvolvimento econômico.

Portanto as considerações conceituais sobre as teorias do desenvolvimento regional sustentarão os pilares deste estudo, envolvendo a cidade de Jequié e sua indústria de confecções, com o objetivo de analisar sob uma perspectiva espacial, temporal e econômica, o suposto desenvolvimento econômico da cidade em virtude das externalidades advindas da fabricação de roupas para outras regiões.

Por isso foram selecionadas e examinadas as contribuições de alguns autores que se debruçam sobre o tema e que possam constituir a base teórica deste trabalho.

2.1 A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO E DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL

A análise regional desenvolveu-se a partir de dois pilares principais: a teoria da localização e as teorias do crescimento e do desenvolvimento regional.

A primeira segue a orientação da Teoria da Produção dentro da abordagem microeconômica, enquanto a segunda teve como bússola norteadora os princípios keynesianos.

A teoria da localização tem sua evolução a partir dos elementos surgidos através da obra de Von Thünen, *O Estado Isolado em Relação à Economia Regional e Nacional*, publicada em 1826, baseada na análise da distância, do custo de transporte e da localização do mercado como variáveis explicativas do padrão de ocupação do solo agrícola. (SPINOLA, 2003).

Auguste Lösch (1906) apud Spinola (2003), em seus trabalhos, considerou o mercado espacial através de áreas menores que influenciam sucessivamente as

áreas de mercado maiores, dessa forma se desenvolve um equilíbrio do sistema espacial e áreas de mercado. Auguste Lösch também estudou os conceitos iniciais de mercado, sua especialização e área de influência.

Por sua vez, Alfred Weber (1909) apud Spinola (2003), realizou em 1909 um importante estudo sobre a localização da empresa regional. Analisou a minimização de custos como variável essencial na tomada de decisão para a escolha do local onde a empresa deveria ser instalada. Estudou principalmente o conceito de distância e custo de transporte.

Em 1933, o geógrafo alemão Walter Christaller, em sua obra a *Teoria dos Lugares Centrais*, dá continuidade à produção teórica da localização. Em suas análises, procurou entender as leis que determinam o número, tamanho e distribuição das cidades. (SPINOLA, 2003).

Para Spinola (2003), o norte-americano Walter Isard, em 1956, também contribuiu substancialmente com o estudo da localização. Seguindo o modelo da teoria da localização, utilizou o conceito de insumo transporte, em sua obra *Localização e Economia Espacial*.

A base da análise desses autores está em considerar a importância fundamental dos custos de transporte para a determinação da localização ótima da firma.

Por sua vez, as teorias de crescimento/desenvolvimento regional se baseiam a partir dos estudos keynesianos, através da Teoria da Base de Exportação.

Segundo esse modelo, a região cresce e desenvolve-se em decorrência do dinamismo provocado pela exportação de seus produtos para outras regiões, ou seja, além de suas fronteiras. O dinamismo ocasionado pela exportação deverá ser difundido ao resto da economia regional.

Para Lopes (2003), essa abordagem teve importantes contribuições de Gunnar Myrdal, em 1957, e François Perroux em 1955. O primeiro observa que o livre funcionamento do mercado piora o quadro das disparidades regionais. Enquanto o segundo trabalhou a base da teoria da polarização. Contudo, foi Jacques Boudeville quem operacionalizou a teoria.

Por sua vez, Albert Hirschman, com sua obra, *A Estratégia do Desenvolvimento Econômico*, em 1958, evidenciou as questões relativas à aglomeração e os efeitos de encadeamento para frente e para trás. (LOPES, 2003).

As políticas públicas implementadas com o objetivo de promover o desenvolvimento regional foram influenciadas significativamente por essas teorias a partir da década de 1950.

2.1.1 A teoria dos lugares centrais

Para Richardson (1975), a teoria dos lugares centrais, é aquela de conteúdo econômico mais difundido quando o estudo se refere ao crescimento urbano.

Conforme essa teoria, o crescimento da cidade depende de sua especialização, logo a sua principal função é atuar como centro de serviços para o interior imediatamente próximo a ela.

Conforme a teoria dos lugares centrais, apresentada por Walter Christaller (1933) apud Spinola (2003), na década de 1930, o crescimento da cidade está relacionado à sua especialização em vários tipos de serviços urbanos, e o nível da demanda de serviços urbanos sobre a área atendida é que determina o ritmo de crescimento dos lugares centrais.

É considerada uma teoria geral, pois não somente explica o crescimento interno de uma cidade individualizada, mas também a distribuição espacial dos centros urbanos na economia regional e nacional.

Segundo o autor, a principal função da cidade é atuar como centro de serviços à região de proximidade ou região complementar, distribuindo inúmeros bens e serviços ao seu entorno. Esse autor trabalha ainda dois conceitos-chave que determinam por que certos bens e serviços só o centro oferece e os fatores que afetam as dimensões do lugar central, que são o limite crítico de demanda e o alcance do bem ou serviço.

O conceito de limite crítico expressa o nível mínimo de demanda que asseguraria a produção de um determinado bem ou serviço e a partir do qual se passa a ter rendimentos crescentes.

O alcance de um bem ou serviço depende de vários fatores, mas a distância econômica é seu determinante principal, ou seja, é a maior distância que a população dispersa se dispõe a percorrer para adquirir um bem ou utilizar um serviço. (RICHARDSON, 1975).

De acordo com Richardson (1975), Christaller estabelece a hierarquia dos lugares centrais (entre cidades), baseada no tamanho e nas funções dos centros e nas distâncias interurbanas, pois, quanto maiores o limite crítico e o alcance de um bem ou serviço, menor será o número de cidades em condições de oferecê-los.

A teoria do lugar central falha no aspecto da migração, pois não considera a contribuição que a mesma pode dar à urbanização. No entanto, seria difícil desenvolver uma teoria coerente do crescimento urbano sem levar em conta a função das cidades como fornecedoras de bens e serviços centrais.

A teoria do lugar central de Christaller tem uma relação direta com as economias de aglomeração geradas nos centros urbanos e industriais, através das economias externas geradas pelas infra-estruturas existentes nos centros urbanos, pela concentração dos consumidores e de mão-de-obra especializada, bem como pela disponibilidade de serviços os mais variados.

A partir desse entendimento, a noção de pólo de crescimento e a teoria da localização apresentam aspectos comuns, a diferença fundamental, está na ênfase à prestação de serviços, por parte dos centros urbanos, e não na função indutora da indústria motriz do pólo de crescimento e nas interdependências que ela proporciona entre firmas compradoras e vendedoras de insumos na região polarizada.

2.1.2 François Perroux e o conceito de pólo de crescimento

No período de 1960 e 1970, acreditou-se que a solução para os problemas econômicos e sociais dos países em desenvolvimento seria o fortalecimento de um ou mais pólos de crescimento.

O conceito analítico de Pólo de Crescimento originou muitas estratégias para o desenvolvimento de regiões deprimidas.

No entanto, os resultados práticos dessa teoria, por vezes foram decepcionantes, portanto incapazes de solucionar os problemas causados pelo crescimento desequilibrado.

A idéia original sobre pólo de crescimento é atribuída a François Perroux, ao observar que o crescimento não surge em todos os lugares simultaneamente, manifesta-se em pontos ou pólos de crescimento, com intensidades variáveis;

propaga-se através de diferentes vias e com efeitos variáveis no conjunto da economia. (SPINOLA, 2003).

Perroux define pólo como uma concentração de geradores de crescimento onde as atividades econômicas resultantes desse processo de concentração originam um campo polarizado, de onde emanam forças centrífugas, e ao mesmo tempo atraem forças centrípetas.

Em fim, é o centro dinâmico de uma região ou de um país cujo crescimento se expande para a região de seu entorno. Assim sendo, o desenvolvimento regional estará sempre ligado ao do seu pólo.

François Perroux procurou diferenciar as várias noções de espaço e suas implicações. Para ele, as atividades econômicas não são localizáveis com precisão, por isso, o espaço não podia ter um sentido meramente físico.

Por outro lado, também não poderia ser definido como um território delimitado pelos acidentes geográficos ou pelo livre arbítrio do homem, ao contrário, considerava essas divisões vulgares e sem valor analítico para a economia.

Dessa forma, defendia que os espaços são conjuntos abstratos, constituídos de relações econômicas, realizadas por agentes econômicos.

Assim, Perroux (1955) apud Lopes (2003), conceitua o espaço econômico em duas perspectivas: inicialmente, examinando e descrevendo o relacionamento e a distribuição das atividades econômicas no espaço geográfico, atividades que podem ser localizáveis através de suas coordenadas ou mapeamento: posteriormente, analisando o espaço econômico que corresponde a relações conceituais mais amplas – exemplo, uma empresa ou indústria, ou um grupo delas, pode localizar sua produção em uma determinada área, porém seu mercado de insumos, ou de produto, pode estar localizada dentro ou fora do mesmo espaço geográfico.

Com isso, o espaço polarizado corresponde a um campo de forças ou de relações funcionais. Ele corresponde às interdependências ou intercâmbios entre espaços homogêneos, ou seja, consistem em centros dos quais emanam forças centrípetas e centrífugas. Cada centro atuando forma um campo de atuação próprio.

Pode-se então definir o espaço ou região polarizada: como um lugar onde há intercâmbio de bens e serviços, do qual a intensidade de intercâmbio interior é superior, em cada um de seus pontos definidos, à intensidade exterior.

Os espaços polarizados podem ser de crescimento ou desenvolvimento. Os pólos de desenvolvimento são aqueles que conduzem a modificações estruturais e que abrangem toda a população da região polarizada.

Já o pólo de crescimento, mesmo motivando o acréscimo do produto e da renda, não provoca transformações significativas das estruturas regionais. Isto nos remete ao entendimento do que seja desenvolvimento.

Desenvolvimento, conceitualmente, é um processo de aperfeiçoamento em relação a um conjunto de valores e/ou situações desejáveis para dada sociedade. A partir dessa definição, o desenvolvimento poderia ser entendido como uma ferramenta avaliatória da condição humana, tanto individual quanto coletivamente. (BORBA, 2000).

O desenvolvimento deve ser pensado em relação ao seu resultado coletivo, mas deve ser fundamentado no processo individual dos atores.

Furtado (2000) afirma que como o desenvolvimento traduz a realização das potencialidades humanas, é natural que se empreste à idéia um sentido positivo.

As sociedades são consideradas desenvolvidas na medida em que nelas o homem logre satisfazer suas necessidades e renovar suas aspirações. O estudo do desenvolvimento tem, portanto, como tema central a criatividade cultural e morfogênese social.

2.2 DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO REGIONAL

Segundo Veiga (1999), os estudos relativos ao desenvolvimento regional, começam a despontar como campo específico de conhecimento a partir da década de 40.

Antes, a questão espacial era desprezada pela ciência econômica. Até então, as raras tentativas foram restritas a uma determinada região. Ainda segundo o mesmo autor, antes de 1929, talvez, só possam ser citadas as propostas dos saint-simonianos e as obras de Von Thünen e de Alfred Weber.

Para Lopes (2003), as questões regionais só começam a despertar o interesse de acadêmicos e políticos no pós-guerra, influenciados pela experiência americana com a TVA (*Tennessee Valley Authority*).

As primeiras experiências voltadas para o desenvolvimento regional, foram realizadas pelos governos britânico e italiano. O primeiro, ao diferenciar o tratamento dado as suas áreas de mineração em relação às outras, e o segundo, ao adotar medidas específicas na tentativa de reduzir a miséria do *Mezzogiorno*, segundo Veiga (1999).

Este processo de promoção ao desenvolvimento, voltado à dimensão espacial, no entanto, foi mais evidente na reconstrução da Europa ocidental, no imediato pós-guerra.

As transformações sociais e econômicas e principalmente às políticas acontecem de maneira muito rápida, apressando as ações destinadas a reduzir as diferenças regionais, preservando a unidade nacional. (LOPES, 2003).

Para Boisier (1989), em virtude dos resultados obtidos com as primeiras experiências realizadas e dos acontecimentos proporcionados pelo pós-guerra, o Estado se concentra no desenvolvimento regional como principal atividade para a integração nacional.

Sob a ótica do paradigma da “integração nacional”, segundo Lopes (2003), o desenvolvimento regional transforma-se também num instrumento político e ideológico. Segundo ele, “o nacionalismo exagerado” marca a década de 60, principalmente na América Latina, onde muitos países passam a ser governados por forças “progressistas” que estabelecem suas estruturas administrativas voltadas para o povoamento de territórios nacionais, fomentando investimentos em infraestrutura, incentivos e regulamentações sobre o investimento privado.

O objetivo maior era o de tentar reduzir as diferenças espaciais resultantes do crescimento econômico que aconteceu no pós-guerra.

As estratégias utilizadas pelo poder estatal para a implementação do desenvolvimento nas regiões menos desenvolvidas em relação às outras, aconteceram de cima para baixo, envolvendo grandes capitais externos à região.

As políticas governamentais de desenvolvimento, no Brasil, surgiram baseadas em um paradigma que entendia o Estado como principal agente indutor e compreendia as desigualdades socioeconômicas inter-regionais como sério obstáculo à integração nacional e a sustentabilidade do crescimento brasileiro. (AMARAL FILHO, 1995).

A existência de desigualdades nas taxas de acumulação de capital entre as diversas regiões do país não era um fato novo, pois se constituía em uma característica estrutural desde os tempos da colonização.

O fato novo era a percepção de que tais desigualdades não poderiam ser reduzidas apenas por meio do livre jogo das forças de mercado e de que a sua persistência implicava uma disfunção sistêmica que poderia ameaçar o equilíbrio socioeconômico como um todo.

Segundo Spinola (2003), as primeiras discussões sobre desenvolvimento regional no Brasil, remontam ao século XIX, no entanto só a partir do período imediato ao pós-guerra é que este tema passa a ter uma importância maior na formulação de políticas sobre o planejamento econômico do País.

Este período conhecido como “a época de reconstrução mundial” foi marcado também pela criação do Fundo Monetário Internacional (FMI), do Banco Internacional para a Reconstrução e o Desenvolvimento (BIRD) e constituição da Organização das Nações Unidas (ONU).

Para Spinola (2003), a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), idealizada pela ONU, foi quem mais contribuiu com estudos e propostas, visando a promoção do desenvolvimento econômico da América do Sul.

2.3 DESENVOLVIMENTO LOCAL

Até a década de 70, predomina no desenvolvimento regional o paradigma “de cima para baixo”, onde sua principal característica está associada ao conceito da industrialização como processo motor do crescimento econômico, onde o poder central assume as proposta de desenvolvimento regional. (BOISIER, 1989).

As estratégias de desenvolvimento baseadas nestes modelos, geralmente envolvem grandes capitais externos à região e são inspiradas na idéia da substituição de importações.

Estas políticas de desenvolvimento regional foram orientadas pelas teorias envolvendo conceitos chaves de “pólos de desenvolvimento”.

Esses conceitos têm como principal ênfase os fatores dinâmicos de aglomeração industrial, evidenciando o crescimento desequilibrado, ou seja, ele não

se manifesta simultaneamente em todos os locais, e sim em pontos ou pólos de crescimento.

Este modelo conhecido como desconcentração concentrada, objetivava promover um crescimento econômico equilibrado entre as diversas regiões do país por meio da industrialização.

A década de 80 é assinalada pelo fim do paradigma de desenvolvimento “de cima para baixo”.

Alguns fatores contribuíram para esta nova fase, como a crise do “modelo fordista”, que levou ao declínio muitas regiões tradicionalmente industriais, a transformação nos modos e meios de produção, a crise fiscal do estado, o desemprego estrutural, dentre outros, fizeram com que a questão do desenvolvimento local passasse a ser uma proposta aos desafios da mundialização da economia, da informação, da necessidade de gerar novos empregos, da exclusão social, da necessidade de modernização tecnológica e requalificação profissional.

A partir das condições e potencialidades criadas pelos governos locais, as indústrias, mesmo que impulsionadas por empresas de fora, estabelecem inter-relações com o meio por meio de um processo sinérgico com os recursos locais. Este processo envolve a participação de empresas locais e novos empreendedores com características específicas da comunidade local. (AMARAL FILHO, 1995).

Desenvolvimento local, segundo Buarque (2001, p. 14):

É um processo endógeno registrado em pequenas unidades territoriais e agrupamentos humanos capaz de promover o dinamismo econômico e a melhoria da qualidade de vida da população. Representa uma singular transformação nas bases econômicas e na organização social em nível local, resultante da mobilização das energias da sociedade, explorando as suas capacidades e potencialidades específicas.

Para Dowbor (1998), é na instância local que os diversos atores sociais (administração pública, empresas privadas, universidades, sindicatos, organizações comunitárias) podem ser organizados em torno de objetivos sociais e econômicos convergentes.

Moura e Meira (1998), afirmam que desenvolvimento local refere-se às práticas que têm como palco a localidade – vista enquanto região, cidade e outras

unidades menores – e como atores, organizações e grupos locais cuja gestão ou co-gestão está voltada para projetos potencializadores da economia local.

Projetos estes que visem à geração de trabalho e renda, que criem e que fortaleçam pequenas e médias empresas e/ou que implementem estratégias de integração competitivas no mercado global.

Em linhas gerais, para Moura e outros (2000), o desenvolvimento local é um processo endógeno de mobilização das energias sociais em espaços de pequena escala (município, localidade e micro regiões), que executa mudanças capazes de elevar as oportunidades sociais, a viabilidade econômica e as condições de vida da população.

O desenvolvimento local, de acordo com Brose (2000), é um processo que se inicia a partir de alguma ruptura, seja ela econômica social ou política. Momento em que um grupo resolve alterar uma situação existente.

Isso significa que ao reduzir as políticas de desenvolvimento para a dimensão local, quebra-se o paradigma de políticas de planejamento padronizadas, que consideram as características sociais, culturais e ambientais homogêneas nas suas propostas.

Para ser um processo consistente e sustentável, o desenvolvimento deve elevar as oportunidades sociais e a viabilidade e competitividade da economia local, aumentando a renda e as formas de riqueza, ao mesmo tempo em que assegura a conservação dos recursos naturais.

O desenvolvimento local requer sempre alguma forma de mobilização e iniciativas dos atores locais em torno de um projeto coletivo.

As experiências bem-sucedidas de desenvolvimento local decorrem, quase sempre, de um ambiente político e social favorável, expresso por uma mobilização, e, principalmente, de convergência importante dos atores sociais do município ou comunidade em torno de determinadas prioridades e orientações básicas de desenvolvimento.

Representa, neste sentido, o resultado de uma vontade conjunta da sociedade que dá sustentação e viabilidade política a iniciativas e ações capazes de organizar as energias e promover a dinamização e transformação da realidade.

De fato, a estratégia de desenvolvimento local pressupõe que as ações baseadas nas condições de cada localidade e região e que tratam de utilizar eficientemente as potencialidades de desenvolvimento devem ser combinadas com

as políticas setoriais e regionais que propiciam as administrações centrais com o fim de fornecer a reestruturação produtiva e a mudança estrutural da economia.

Portanto, de acordo com a estratégia de desenvolvimento local, as economias locais e regionais estão integradas no sistema econômico nacional e internacional e que, por conseguinte, os seus problemas são sempre problemas nacionais, devido ao fato de que os sistemas produtivos regionais e locais são componentes dos sistemas nacionais.

A sustentabilidade do desenvolvimento local é um dos principais problemas enfrentados pelas regiões economicamente deprimidas, às vezes a interferência governamental impõe determinadas políticas de desenvolvimento, sem se preocupar, no entanto com as particularidades culturais históricas da região em questão.

Em muitos casos, como o de Jequié, por exemplo, os resultados alcançados quase sempre estão longe daqueles esperados.

No atual contexto em que a produção industrial encontra-se organizada, a produção em larga escala e o elevado grau tecnológico, contribuem para a disseminação dos sistemas produtivos locais, maneira pela qual as pequenas e médias empresas e determinadas regiões encontram para elevar sua capacidade competitiva no mercado.

Para que exista um desenvolvimento local, e que o mesmo possa ser auto-sustentável e duradouro, resistindo à mobilidade de capital e dos meios de produção, tão presentes na economia capitalista e globalizada, pressupõe-se que a sociedade local esteja preparada e integrada ao processo de crescimento econômico, construindo desse modo um sistema local autônomo, porém bastante integrado às redes globais.

O desenvolvimento local trouxe consigo a importância da relação e da forma como as empresas locais interagem entre si e com o mundo globalizado para a promoção de inovações necessárias à sobrevivência do sistema local.

Diante disso os chamados arranjos produtivos locais - apesar de tão antigo quanto às experiências encontradas na Terceira Itália e no Vale do Silício na Califórnia, onde as concentrações de empresas se destacaram das demais não somente por resistirem ao processo de mobilidade de capital, mas, sobretudo pela elevada renda *per capita* alcançada nessas regiões - vem ganhando atualmente

roupagem nova nos discursos, e vêm sendo divulgado como estratégia inovadora para o desenvolvimento local integrado e sustentável.

2.4 ARRANJO PRODUTIVO LOCAL E O DESENVOLVIMENTO ENDÓGENO

Os estudos mais recentes sobre os aspectos da localidade para o desenvolvimento econômico e a competitividade das empresas, têm destacado a importância das aglomerações setoriais de empresas que, pela cooperação ou pela configuração econômica desenvolvida, criam diferenciais competitivos fundamentais para as firmas aí localizadas.

As aglomerações podem sofrer diversas denominações, a depender da sua configuração.

Podem ser chamadas de arranjos produtivos locais, sistemas locais de inovações, sistemas produtivos locais, clusters, sistemas locais de produção e inovação, entre outros.

No entanto, todas essas denominações têm em comum a ênfase na importância dos aspectos locais para o desenvolvimento e a competitividade das empresas.

Os arranjos produtivos locais (APLs) enfocam principalmente a cooperação entre os agentes locais, objetivando uma maior eficiência do aglomerado, essa interação resulta na acumulação e transferência de conhecimento entre as firmas.

Alguns autores argumentam que a redução entre as distâncias físicas e tecnológicas contribui decisivamente para acelerar o processo de inovação entre as mesmas.

O APL efetivamente vem se tornando, nos últimos anos, o discurso dos principais agentes responsáveis em fomentar o desenvolvimento regional.

Essa alternativa é apresentada como solução para reduzir o custo individual e a aquisição das informações de conhecimento entre as pequenas e micro empresas concentradas em determinadas regiões economicamente deprimidas, tentando fazer com que a ação cooperada e a maior facilidade de aperfeiçoamento do conhecimento técnico e comercial, se transformem em vantagens competitivas locais.

Nesse contexto as pequenas e micro empresas enraizadas se tornariam mais aptas a competir no mercado com as grandes empresas globais.

2.5 A GLOBALIZAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO ENDÓGENO

A globalização é um fenômeno antigo, associado às trocas internacionais de bens e serviços e a internacionalização do capital e da produção.

No entanto o que marca a globalização nos dias atuais é a internacionalização dos mercados e da produção estar ligada à informação e ao uso das novas tecnologias, diferenciando-se assim das experiências anteriores, vinculadas à busca de matérias primas ou de novos mercados.

Este processo se fortalece pelas novas formas de organização da produção, por meio da formação e do desenvolvimento de sistemas de empresas e de alianças estratégicas internacionais, o que permite criar redes, cuja dimensão é cada vez mais global.

A globalização é um processo vinculado ao território, não apenas porque envolve nações e países, mas, sobretudo, porque a dinâmica econômica e o ajuste produtivo dependem das decisões sobre investimento e localização tomadas pelos atores econômicos, sendo também função dos fatores de atração de cada território.

Trata-se, portanto, de uma questão que condiciona a dinâmica econômica das cidades e regiões e que, por sua vez, é afetada pelo comportamento dos atores locais.

Neste paradigma atual, onde os sistemas produtivos e os mercados tomam uma dimensão global, o Estado cede seu papel de protagonista e sua liderança às empresas inovadoras, ao mesmo tempo em que as novas tecnologias de informação, os transportes e as comunicações fortalecem o funcionamento das organizações e sua interação.

Segundo Vasquez Barquero (2002), o processo de globalização traduz-se por um aumento da concorrência nos mercados, à medida que se foi definindo o novo cenário da competição entre empresas e territórios, começaram a ser introduzidas inovações por empresas e organizações.

Foram surgindo novos espaços produtivos, ao mesmo tempo em que as cidades e as regiões passaram a dar respostas estratégicas aos desafios colocados pelo aumento da concorrência nos mercados.

As diferentes formas de regionalização e integração das economias nacionais, por meio da formação de blocos econômicos, vêm fortalecendo as relações econômicas, políticas e institucionais entre países, o que pode levar à formação de um sistema global.

A aceleração do processo de globalização são motivadas pelas mudanças econômicas e comerciais, que generalizam a liberação dos mercados de bens, serviços.

Estrategicamente as empresas multinacionais, aproveitam as oportunidades de localização viabilizadas pela integração. Além disso, são introduzidas inovações nos transportes e nas comunicações, que contribuem para a integração dos mercados e a produção multinacional, reduzindo os custos de produção e das trocas.

A teoria do crescimento endógeno procura demonstrar que a região possui as fontes fundamentais ao seu próprio crescimento, criando as condições para atrair capitais de outras áreas, esse fator se torna ainda mais importante em tempos de globalização.

Nesse contexto, é importante considerar os programas de apoio às pequenas e médias empresas e a criação de incubadoras empresarias que buscam a formação de novos empresários, investimentos em pesquisa e tecnologia visando novos produtos e processos, bem como no treinamento de executivos e trabalhadores.

A essência dessas ações políticas se encontra no propósito melhorar a competitividade das empresas locais.

2.6 DESENVOLVIMENTO LOCAL E COMPETITIVIDADE

Segundo Porter (1999), a competição num determinado setor está sujeita a ação da ameaça de novos entrantes, poder de negociação dos fornecedores e clientes e por fim da ameaça de produtos ou serviços substitutos.

Essencialmente a formulação de uma estratégia tem como objetivo principal enfrentar a competição. Para o autor são as forças competitivas mais poderosas que determinam a rentabilidade de um setor.

A ameaça de novos competidores em um determinado setor pode significar a melhora do mesmo, tanto para os clientes quanto para os fornecedores, pois quando um novo entrante traz o desejo de ganhar participação no mercado, promove a injeção de recursos suficientes para provocar grandes abalos no setor.

No entanto muitos obstáculos poderão comprometer o sucesso dos novos entrantes, na visão de Porter (1999), são seis os principais sustentáculos das barreiras de entrada, são eles: Economia de escala; Diferenciação do produto; Exigências de capital; Desvantagens de custo; Acesso a canais de distribuição; política governamental.

Diante do que foi exposto, observa-se que as empresas que competem num determinado setor precisam estar atentas às mudanças sociais, políticas e econômicas para desenvolverem barreiras aos novos entrantes, sejam estas empresas ou produtos.

Para Porter (1999), as forças competitivas mais poderosas determinam a rentabilidade de um setor, por isso é preciso identificá-las, pois, as mesmas são de suma importância na formulação das estratégias a serem implementadas pelas empresas já estabelecidas.

Ainda segundo Porter (1999), as opções da empresa em relação aos fornecedores ou aos compradores devem ser entendidas como decisões estratégicas.

A empresa deve melhorar sua postura estratégica competitiva, descobrindo fornecedores ou compradores que tenham menos poder de afeta-la negativamente. Para o autor nem todos os setores têm condições de selecionar bons compradores.

O poder dos compradores e fornecedores, portanto, são forças competitivas que evoluem ao longo do tempo, a depender dos fatores que determinam o poder desses grupos, principalmente as decisões estratégicas das empresas.

Segundo Porter (1999), o setor de roupas prontas para o uso, na medida em que os compradores se tornaram mais concentrados e passaram a ser controlados por grandes cadeias, começou a enfrentar pressões crescentes e margens decrescentes e não foi capaz de diferenciar seus produtos ou impor custos de

mudança que prendessem os compradores o suficiente para neutralizar as tendências.

Após avaliar as forças que influenciam a competição no setor e as respectivas causas subjacentes, é possível identificar os pontos fortes e fracos da empresa. Os pontos fortes e fracos cruciais vistos sob o ângulo estratégico são as posturas da empresa com relação às causas subjacentes de cada força.

Após a identificação dos pontos fracos e fortes em relação às forças competitivas que atuam no setor, se desenvolve um plano de ação incluindo o posicionamento da empresa, de modo que suas capacidades proporcionem a melhor defesa contra as forças competitivas.

O equilíbrio das forças por meio de manobras estratégicas, melhora a posição da empresa, e ainda pode antecipar mudanças nos fatores subjacentes às forças, proporcionando uma reação da empresa a essas alterações, na esperança de explorá-las de modo favorável, por meio de uma estratégia adequada ao novo equilíbrio competitivo antes de seu reconhecimento pelos concorrentes.

Ao analisar o posicionamento da empresa no setor em que está inserido, a idéia é a construção de defesas contra as forças competitivas ou com a descoberta de posições no setor onde as forças são mais fracas.

O conhecimento das capacidades da empresa e das causas competitivas realçará as áreas em que deve enfrentar ou evitar competição. A empresa deve se posicionar no sentido de minimizar a vulnerabilidade às forças competitivas e de explorar o seu diferencial.

As empresas devem ser flexíveis para reagir com rapidez às mudanças competitivas. É importante que pratiquem de modo constante o *benchmark* para atingir as melhores práticas, como também busquem a terceirização como forma de conquistar mais eficiência.

De acordo com o novo paradigma, os rivais são capazes de copiar com rapidez qualquer posição de mercado, e a vantagem competitiva é uma situação temporária. Algumas barreiras da competição estão desmoronando com a atenuação da regulamentação e com a globalização dos mercados.

Segundo Porter (1999), a raiz do problema é a incapacidade de distinguir entre eficácia operacional e estratégia. Aos poucos as ferramentas gerenciais tomaram lugar da estratégia, à medida que se desdobram para melhorar em todas

as frentes, os gerentes se distanciam cada vez mais das posições competitivas viáveis.

A estratégia se alicerça na exclusividade das atividades, o lema da estratégia competitiva é ser diferente, significa encontrar dentro do setor uma posição que lhe permita escolher um conjunto de atividades para proporcionar um mix único de valores.

A essência da estratégia está nas atividades – a opção de desempenhar as atividades de forma diferente ou desempenhar atividades diferentes em comparação aos rivais.

Em síntese, a atividade inovadora rompe o fluxo circular estacionário e promove o crescimento de seu meio e leva outras empresas a inovarem em um processo de imitação, aquelas empresas que não se adaptam, tendem a desaparecer liberando fatores produtivos a serem empregados pelas empresas inovadoras.

A importância da inovação com fator estratégico para o desenvolvimento regional está presente principalmente na abordagem schumpeteriana, assim como na teoria de Perroux quando fica implícita a ação do empresário inovador, que conduz a atividade motriz rumo ao sucesso, desencadeando em seu meio a motricidade que impulsiona a economia ao crescimento econômico.

As contribuições teórico-conceituais destacadas nas obras e estudos citados constituem no eixo principal e norteador do desenvolvimento desta pesquisa. É nessa perspectiva que se analisou o tema proposto.

3 JEQUIÉ E SUA MICRORREGIÃO DE INFLUÊNCIA

O propósito de fazer uma análise da cidade de Jequié, destacando sua formação, suas características, seus aspectos sócio-econômicos e sua importância em relação às cidades circunvizinhas, constitui um imperativo para o entendimento do objeto estudado.

Numa perspectiva de hierarquização de cidades, proposta pela teoria dos lugares centrais de Walter Christaller (1933) apud Spinola (2003), Jequié é considerado um centro regional por oferecer diversos “bens e serviços centrais” demandados pelas cidades que estão no seu entorno.

Neste trabalho, será considerada como microrregião influenciada por Jequié, aquela composta pelas cidades que estão sob a jurisdição da DIREC 13 e da 13ª DIRES, conforme revisão da divisão administrativa, regulamentada por meio da lei estadual nº. 23.731, de 05 de outubro de 1973.⁴

3.1 JEQUIÉ NO CONTEXTO MICRORREGIONAL

Historicamente, a origem, evolução e estruturação urbano-regional de Jequié estão ligadas à sua posição privilegiada em relação aos meios de transportes inter e intrarregionais.

A microrregião de Jequié começou a ser ocupada pela pecuária extensiva e a lavoura do cacau, ainda no século XIX. Sua principal cidade, Jequié, foi entroncamento de antigos caminhos de boiadas e cresceu como centro de comércio de gado bovino e comércio de cacau em amêndoa.

Jequié desempenhou a função de centro comercial, inicialmente por sua situação de local de pouso e descanso de boiadas e boiadeiros, tropas e tropeiros e depois pela dinâmica que o setor terciário implementou.

⁴Integrada pelos seguintes municípios: Aiquara, Apuarema, Barra do Rocha, Boa Nova, Cravolândia, Dário Meira, Ibirataia, Ipiaú, Irajuba, Iramaia, Itagi, Itagiba, Itaquara, Itiruçu, Jaguaquara, Jequié, Jitaúna, Lafaiete Coutinho, Lajedo do Tabocal, Manoel Vitorino, Maracás, Mirante, Planaltino, Santa Inês e Ubatã.

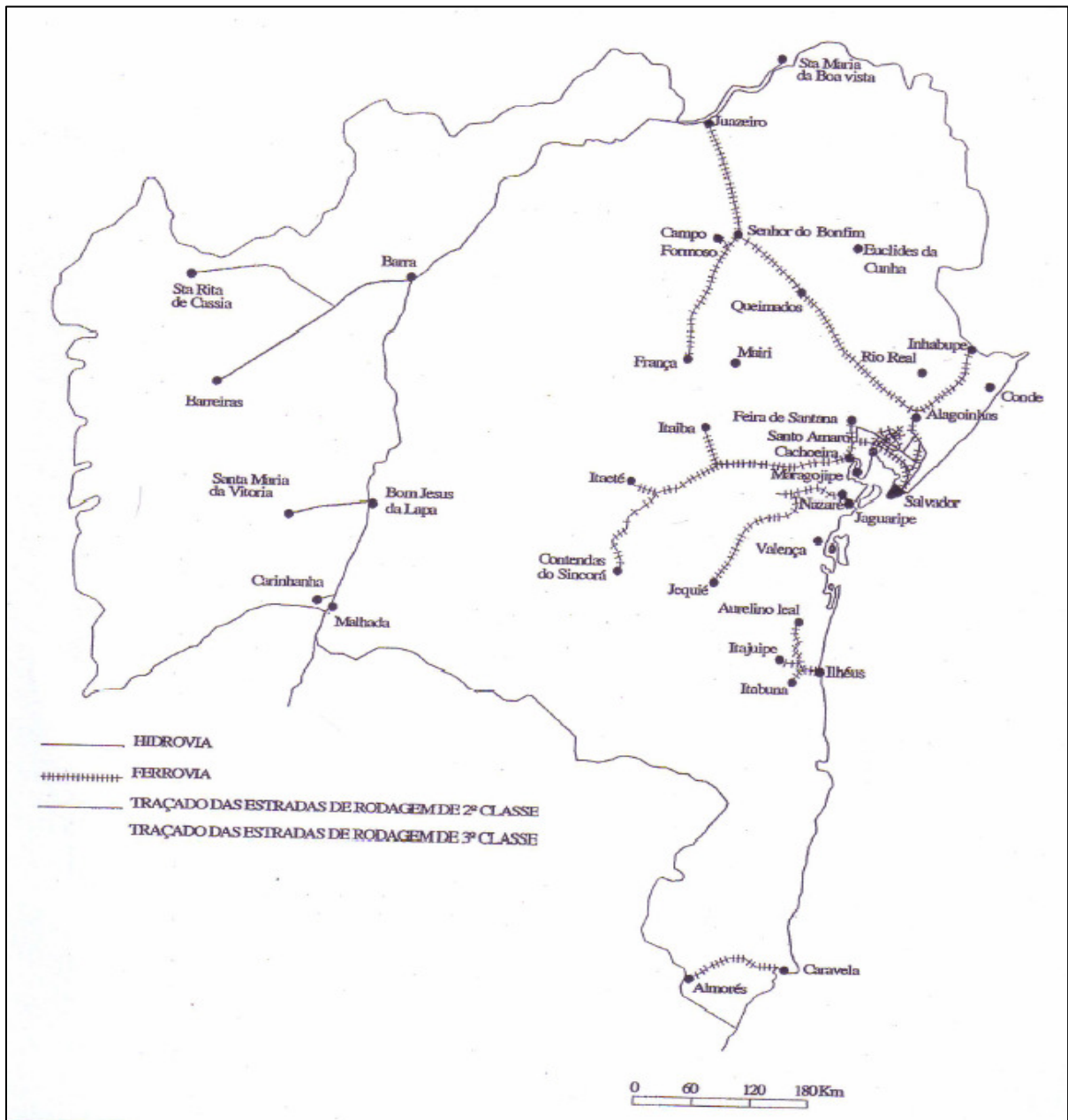


Figura 1 – Rede Viária Baiana - 1930
 Fonte: Prefeitura Municipal de Jequié (2008)

Em 1930, a operacionalização da Estrada de Ferro Nazaré integra Jequié economicamente ao Recôncavo Baiano e a Salvador. A cidade passa a ser uma nova porta para os sertões e a Chapada Diamantina. As ligações rodoviárias, conectadas à estrada de ferro, especializam Jequié como centro comercial e distribuidor de bens e serviços.

Na década de 1940, a abertura de novas rodovias que atravessam a cidade, intensificou o fluxo através da circulação de ônibus e automóveis, aumentando

assim, a flexibilidade dos movimentos pelo território, o que não podia ser alcançado com a ferrovia.

O movimento crescente de trocas promoveu as interações de Jequié com outras localidades e a expansão urbana da cidade, promovidas pelos eixos das vias de transportes.

A influência comercial e de serviço sobre a região, provocadas pelas relações de troca através das vias de transporte, foi reforçada na década de 1970 a partir da reforma administrativa do estado da Bahia que, através da lei n.º 2321, de 1966, dividiu o território estadual em 21 Regiões Administrativas, conceituadas como um espaço contínuo definido em função da cobertura da atuação do governo sobre o território, tendo como centro uma sede urbana que concentraria as agências e órgãos de atendimento nas diversas áreas da atuação governamental (educação, saúde, fisco, trânsito, segurança pública, etc.). Entre as cidades escolhidas estava Jequié, classificada como núcleo urbano grande, de 2ª. Classe, abaixo apenas de Feira de Santana, Ilhéus e Itabuna. (SPINOLA, 2003).

O papel regional de Jequié fica evidenciado principalmente com a instalação da 13ª Dires e da Direc 13.

Considerando a revisão da divisão administrativa, por meio da lei estadual nº. 23.731, de 05 de outubro de 1973, verifica-se *in loco* atualmente que a maioria dos municípios que estão sob a jurisdição da Direc 13 e da 13ª Dires mantêm com a cidade de Jequié apenas relações administrativas obrigatórias, enquanto suas populações buscam outras cidades de outras regiões, principalmente Vitória da Conquista.

A figura 2 destaca as cidades que estão sob a jurisdição da Direc 13 e da 13ª Dires. No entanto esta relação não é a mesma quando se analisa sob os aspectos comerciais, segundo informações obtidas no comércio cidades como Santo Antonio de Jesus e Vitória da Conquista têm atraído para as suas sedes, aquelas pessoas que anteriormente faziam suas compras no comércio de Jequié.

No ramo varejista, a rede Cardoso de supermercados observou que as populações das cidades vizinhas que anteriormente faziam suas compras na cidade de Jequié atualmente preferem fazer suas compras em suas próprias cidades.

O crescimento econômico de Jequié perdeu impulso, principalmente com o fechamento da Estrada de Ferro de Nazaré (EFN), na década de 1960, que lhe retirou a vantagem comercial de menores custos no suprimento comercial da microrregião dado ao frete mais barato propiciado pelo transporte ferroviário.

Por sua vez, a ascensão da rede rodoviária e sua pavimentação asfáltica, juntamente com o crescimento dos setores produtivos, comercial e de serviços, contribuíram na fluidez espacial, promovendo o dinamismo de cidades como: Vitória da Conquista, Feira de Santana, Itabuna e Ilhéus, e desencadeando emancipações políticas e surgimento de novas cidades como Itagi, Jitaúna e Aiquara, que pertenciam ao município de Jequié.

A Tabela 1, a seguir, expressa a variação das populações dos municípios considerados parte da região centralizada em Jequié.

Através das informações obtidas a partir dos censos de 2000 e 2007, realizados pelo IBGE, verifica-se a redução populacional na maioria dos municípios, principalmente na cidade de Jequié, considerada dentro dos pressupostos enunciados como região centralizada.

Comparando os números publicados pela contagem da população de 1996 com a última publicada em 2007, a cidade de Jequié registrou uma redução no número de habitantes em aproximadamente 12% em 11 anos. (IBGE, 2008).

As autoridades públicas⁵ de Jequié relutam em aceitar os números apresentados pelos últimos censos demográficos realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE), referente ao município de Jequié. No entanto não se sabe de nenhuma ação judicial reclusória por parte do poder municipal de Jequié, sobre os números publicados pelo órgão competente.

⁵ Prefeito, Vereadores, Promotor de Justiça.

Tabela 1 - População dos Municípios sob a influência de Jequié

MUNICÍPIOS	POPULAÇÃO 2000 (A)	POPULAÇÃO 2007 (B)	TAXA DE CRESCIMENTO OU REDUÇÃO - (B/A)%
Aiquara	5.315	5.212	-1,94
Apurema	7.443	7.379	-0,86
Barra do Rocha	8.084	6.133	-24,13
Boa Nova	20.544	16.007	-22,08
Cravolândia	5.001	5.427	8,52
Dário Meira	15.222	12.565	-17,45
Ibirataia	24.741	23.940	-3,24
Ipiaú	43.621	42.561	-2,4
Irajuba	6.362	7.215	13,41
Iramaia	11.373	15.134	33,07
Itagi	14.629	13.882	-5,11
Itagiba	17.191	16.272	-5,34
Itaquara	7.861	7.564	-3,78
Itiruçu	13.585	15.764	16,04
Jaguaquara	46.621	46.641	0,4
Jequié	147.201	145.964	-0,84
Jitaúna	21.054	16.839	-20,02
Lafaiete Coutinho	4.102	3.526	-14,04
Lajedo do Tabocal	8.100	8.591	6,06
Manoel Vitorino	16.702	14.262	-14,61
Maracás	31.683	34.221	8,01
Mirante	7.323	9.174	25,28
Planaltino	7.963	8.472	6,39
Santa Inês	11.027	10.564	-4,20
Ubatã	21.823	24.791	13,60

Fonte: IBGE (2008)

Nota: Contagem de população de 2000 e 2007

Não foi possível constatar a ocorrência de nenhum fenômeno específico nos municípios que apresentaram aumento no número de habitantes.

No entanto a redução da população que aconteceu em 63% dos municípios da região é resultado da migração pela falta de oportunidades para os seus habitantes, principalmente para os mais jovens.

Pelos números demonstrados a partir da tabela anterior, ao verificar a emigração da população regional em busca de centros maiores que ofereçam maiores possibilidades de sobrevivência, questiona-se o papel da cidade de Jequié como centro polarizador de desenvolvimento.

Apesar de ter sido transformada em uma cidade central na oferta de serviços para as cidades vizinhas, Jequié não consegue gerar se quer desenvolvimento econômico o suficiente para manter a sua população em seu território.

Tabela 2 – Municípios sob a influência de Jequié -Taxa de urbanização - 2007

MUNICÍPIOS	POPULAÇÃO TOTAL (A)	POPULAÇÃO URBANA (B)	TAXA DE URBANIZAÇÃO (B/A)%	POPULAÇÃO RURAL (C)	TAXA DE RURALIZAÇÃO (C/A)%
Aiquara	5.212	2.837	54,43	2.375	45,57
Apuarema	7.379	5.116	69,33	2.263	30,67
Barra do Rocha	6.133	3.847	62,73	2.286	37,27
Boa Nova	16.007	5.681	35,49	10.326	64,51
Cravolândia	5.427	3.574	65,86	1.853	34,41
Dário Meira	12.565	5.009	39,86	7.556	60,14
Ibirataia	23.940	18.063	75,45	5.877	24,55
Ipiaú	42.561	37.970	89,21	4.591	10,79
Irajuba	7.215	3.394	47,04	3.821	52,96
Iramaia	15.134	7.570	50,02	7.564	49,98
Itagi	13.882	10.137	73,02	3.745	26,98
Itagiba	16.272	9.519	58,50	6.753	41,50
Itaquara	7.564	4.563	60,33	3.001	39,67
Itiruçu	15.764	11.602	73,60	4.162	26,40
Jaguaquara	46.641	36.585	78,44	10.056	21,56
Jequié	145.964	133.884	91,72	12.080	8,28
Jitaúna	16.839	9.150	54,34	7.689	45,66
Lafaiete Coutinho	3.526	1.967	55,78	1.559	44,21
Lajedo do Tabocal	8.591	5.075	59,07	3.516	40,93
Manoel Vitorino	14.262	6.596	46,25	7.666	53,75
Maracás	34.221	22.581	65,98	11.640	34,02
Mirante	9.174	1.595	17,39	7.579	82,61
Planaltino	8.472	3.468	40,93	5.004	59,07
Santa Inês	10.564	9.484	89,78	1.080	10,22
Ubatã	24.791	17.467	70,46	7.324	29,54

Fonte: IBGE (2008)

Nota: Censo demográfico de 2007

O município de Jequié apresenta a maior taxa de urbanização regional, com 91,72% da sua população residindo na sede do município, apenas os municípios de Ipiaú e Santa Inês apresentam taxas semelhantes.

Jequié apresenta um ritmo de urbanização superior aos demais municípios, principalmente pela crise na agricultura e na pecuária, especialmente na lavoura cacaueteira, a partir dos anos de 1980 e no decorrer dos anos de 1990. Esses fatores dentre outros promoveram a expulsão da população rural em Jequié e em sua região de influência.

Por outro lado, a consolidação do processo de urbanização está relacionada aos impactos promovidos pelos empreendimentos e equipamentos que se instalaram em Jequié e contribuíram para que a cidade desempenhasse o papel de centro regional.

A posição de Jequié como uma cidade central é reforçada, como já foi mencionado anteriormente, principalmente pelos equipamentos e serviços de saúde que são oferecidos às cidades que estão em seu entorno.

A Tabela 3 demonstra a quantidade de pacientes que utilizaram os serviços de saúde da cidade de Jequié, durante o ano de 2008. Nesta tabela, foram relacionados aqueles municípios que fazem parte da 13ª Dires, e que mais

demandaram dos equipamentos públicos e privados de Jequié destinados à prestação de serviços na área de saúde.

Tabela 3 - Procedência dos pacientes atendidos nos principais hospitais da cidade de Jequié - 2007

Municípios de origem	Unidades de Saúde				
	HGPV	HNSPS	HSV	IORTE	TOTAL
Aiquara	49	4	6	4	63
Apuarema	41	7	4	6	58
Barra do Rocha	7	-	-	2	9
Boa Nova	84	-	15	8	107
Cravolândia	9	-	12	-	21
Dário Meira	17	-	6	2	25
Ibirataia	14	-	2	5	21
Ipiaú	36	7	7	18	68
Irajuba	34	2	8	20	64
Iramaia	22	1	5	1	29
Itagi	118	9	15	15	157
Itagiba	41	2	15	-	58
Itaquara	14	-	3	-	17
Itiruçu	38	4	1	3	46
Jaguaquara	88	7	21	24	140
Jequié	21.573	1.892	1.035	792	25.292
Jitaúna	215	38	25	16	294
Lafaiete Coutinho	112	39	9	5	165
Lajedo do Tabocal	14	1	7	1	23
Manoel Vitorino	419	55	21	19	514
Maracás	65	5	29	4	103
Mirante	6	1	2	1	10
Planaltino	13	7	2	2	24
Santa Inês	18	2	15	8	43
Ubatã	6	2	1	2	11
TOTAL	23.053	2.085	1.266	958	27.362

Fonte: Pesquisa de Campo (2008)

Nota:

HGPV: Hospital geral Prado Valadares

HNSPS: Hospital Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

HSV: Hospital São Vicente

IORTE: Instituto de Ortopedia

Na identificação da área de influência do serviço de saúde de Jequié, foram coletados dados, segundo a procedência dos pacientes nas unidades de saúde que apresentam alcance regional.

Esses dados permitem verificar o papel desempenhado por Jequié, evidenciado na inserção da cidade na região, a partir da centralização do serviço de

saúde e da modernização dos seus equipamentos, além da existência e ampliação de profissionais de nível superior.

A centralização de Jequié na área de saúde é reforçada principalmente pela carência de profissionais e equipamentos nos municípios vizinhos, além da facilidade de acesso através das rodovias BR-116 e BR-330. Além desses fatores, o crescimento do serviço de saúde em Jequié, no final do século XX, se deve:

- a) A implantação do Sistema Único de Saúde (SUS) no final da década de 1980, que ampliou os serviços e as clínicas passaram a atender por este sistema;
- b) A falta de equipamentos de saúde na região de jurisdição da 13ª Dires Diretoria Regional de Saúde, convergindo os pacientes para Jequié;
- c) O crescimento de clínicas especializadas e diversificação dos serviços de saúde;
- d) O crescimento do número de profissionais de saúde, com a interiorização dos serviços de saúde;
- e) Facilidade de acesso através das rodovias;
- f) Cursos na área de saúde na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) - campus de Jequié.

Apesar da ampliação e modernização do serviço de saúde e das diversas especialidades médicas, *procedimentos que necessitam de UTI neonatal, são transferidos para cidades como Vitória da Conquista, Itabuna e Salvador.*

Essas cidades concorrem diretamente com Jequié na oferta de serviços de saúde, principalmente naqueles mais especializados que exigem equipamentos mais sofisticados, além de serem disponibilizados através do SUS.

Como o mapa seguinte ilustra, a malha rodoviária facilitou o acesso de muitas cidades menores a outros centros que não Jequié.

A área de influência de Jequié sofre a competição de Vitória da Conquista, ao sul; de Feira de Santana e Salvador, ao norte; de Itabuna/Ilhéus, a leste; e de Santo Antonio de Jesus, no Vale do Jiquiriçá.

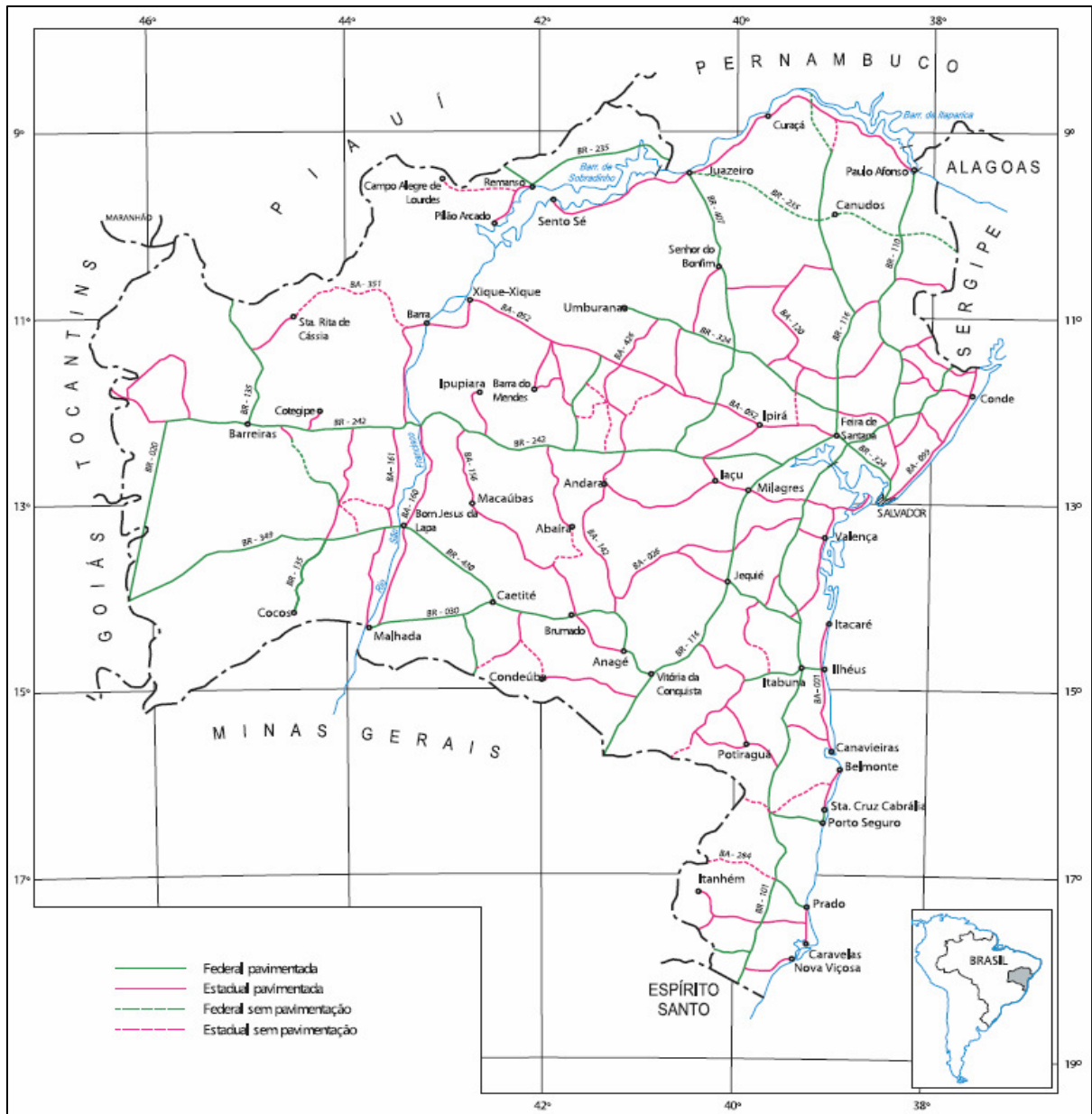


Figura 3 – Mapa da malha rodoviária do Estado da Bahia
Fonte: DERBA (2001)

Contudo, por concentrar em sua sede os principais bens públicos regionais, as populações circunvizinhas que estão num raio de até 200 km, se deslocam para a cidade de Jequié em busca de cursos superiores que não são oferecidos nos seus municípios de origem, bem como em busca de serviços médicos e tratamento que necessitam de profissionais mais especializados e equipamentos mais sofisticados.

3.2 A CIDADE DE JEQUIÉ

Neste capítulo, faz-se uma análise da cidade de Jequié, destacando sua formação, suas características, sua dinâmica geográfica e econômica.

Enquanto no capítulo anterior comparamos o crescimento e desenvolvimento de Jequié em relação às cidades do seu entorno, neste traremos informações e dados históricos e recentes que nos ajudarão entender melhor o objeto de estudo desta pesquisa.

3.2.1 Aspectos históricos

Geograficamente Jequié, está localizado entre as bacias dos rios de Contas e Pardo, deriva seu nome da palavra “Yaquié” ou “Jequieh”, que na língua dos índios Camacãs ou Mongoiós, primitivos habitantes da área, significava onça ou cachorro.

A principal atividade na região, também conhecida na época com “Sertão da Ressaca”, era a produção de carne bovina, couros e peles para abastecer o Recôncavo e Salvador.

Segundo Araújo (1971), José de Sá Bittencourt adquiriu as terras onde se localiza Jequié do capitão-mor João Gonçalves da Costa, posteriormente, como prêmio aos serviços prestados à frente da Inspeção de Minas da Bahia, o governo de Portugal, em carta régia, concedeu-lhe sesmaria, em continuação às terras adquiridas.

Surgiu assim, o grande latifúndio Borda da Mata, com área abrangendo os territórios que hoje pertencem aos municípios de Jequié, Camamu, Ipiaú, Jaguaquara, Maracás, Boa Nova, Itagi, Aiquara e Jitaúna.

A partir de 1808, ao deixar a direção da Inspeção de Minas da Bahia, José de Sá Bittencourt passou a residir em sua nova propriedade com seus familiares, onde foi construído um grande sobrado a 19,8 km da hoje cidade de Jequié.

Na propriedade cultivava algodão, mandioca, frutas, cana para produção de rapadura e aguardente; extraía borracha, madeira e óleo de copaíba, criava-se gado

bovino, enquanto a mão-de-obra era escrava. A fazenda conhecida por Sobrado logo prosperou.

Com a morte do patriarca José de Sá Bittencourt em 1828, a Fazenda Borda da Mata foi repartida entre os herdeiros em 11 propriedades, uma delas é a Fazenda Jequié ou Barra de Jequié e coube ao filho, coronel brigadeiro José de Sá Bittencourt e Câmara, governador das armas da província da Bahia, que devido a suas funções, afastou-se da propriedade.

Enquanto isso, na confluência do Rio Jequiezinho com o Rio de Contas, foi-se formando um pequeno povoado, que cresceu devido a sua posição geográfica, referente à comunicação e ao transporte. Situada em uma área de transição entre a caatinga e a zona da mata (úmida), o povoado foi tornando-se um centro de trocas comerciais de áreas geograficamente diferentes.

Neste período o povoado era freqüentado pelos viajantes e favorável ao pouso de tropas e de rebanhos bovinos, contribuindo assim, na instalação das primeiras rancharias e casas de comércio.

Jequié foi-se caracterizando como centro de convergência e eixo de caminhos de Ilhéus para Maracás, de Camamu a Monte Alto no sentido leste-oeste e de Nazaré para Vitória da Conquista e norte de Minas Gerais, no sentido norte-sul.

O povoado dinamizou-se quando Joaquim Fernandes da Silva compra de Bittencourt e Câmara a fazenda Barra de Jequié, abre estradas, loteia e vende terras da fazenda.

Os primeiros moradores fixaram-se próximo às margens do Rio de Contas em casas de taipa.

O povoado cresceu paralelamente a seu leito de maneira esparsa, entre o Rio Jequiezinho e o atual bairro do Curral Novo.

Neste período, segundo Santos (1956, p, 72), “a função comercial parecia firme, tanto que após as duas grandes enchentes que ocorreram em 1834 e 1854, os moradores voltaram a construir suas casas no mesmo sítio.”

Já por volta de 1865, o povoado se concentrava nas praças Caxeiro Viajante, Coronel João Borges e Luiz Viana. Realizava uma feira livre e em seu entorno cresceram as atividades comerciais e de serviços, surgindo assim, a primeira área comercial.

O povoado foi estruturando-se, e a chegada dos imigrantes Italianos a partir de 1880, vindos da Trechina, região ao sul da Itália que apresentava as mesmas

caraterísticas geográficas de Jequié, tanto na topografia como na comunicação, contribuiu na fixação e instalação de empresas.

Segundo Araújo (1971), Rotondano e Niela, Marota e Riella, Manuel e Rafael Pinto de Araújo entre outros, foram os primeiros que se estabeleceram na Praça Luiz Viana, com métodos modernos de compra e venda de produtos, passaram a atuar como agência de créditos, período que eram raras as agências bancárias no interior do estado.

A atuação dos italianos foi fundamental na organização das atividades comerciais e na construção civil.

Com o crescimento populacional e das suas atividades econômicas foi o povoado, elevado à categoria de Distrito de Maracás, em 13 de agosto de 1880.

A emancipação política ocorreu em 10 de julho de 1897, institucionalizando assim, o Município de Jequié. Em 25 de outubro do mesmo ano, o Conselho municipal tomou posse, data que ficou definida como dia da cidade.

Em 13 de junho de 1910, o distrito sede do município passou a categoria de cidade.

No início do século XX, Araújo (1971) relata que a cidade era totalmente desprovida de iluminação e rede de esgoto, sendo a água, *in natura*, transportada em latas e barris, retratando a falta de infra-estrutura e saneamento.

A configuração urbana estava dividida em dois núcleos distintos, separados pelo Rio Jequezinho, e cresciam influenciados pelas vias de comunicação. Sendo o núcleo central formado pelas praças Luiz Viana, São João, atual Coronel João Borges e Caxeiro Viajante, localizadas no eixo de circulação na direção para Vitória da Conquista, Maracás, Jaguaquara e Salvador.

Enquanto o núcleo menor, formado inicialmente por chácara e pomares, por onde passa a via de acesso para Ipiaú e Ilhéus, deu origem ao bairro do Jequezinho.

O papel dos imigrantes italianos foi decisivo no desenvolvimento comercial e de serviços, com a implantação de cinemas, hotéis, lojas de tecidos, jornais, rádios, companhia de cultura e grupos teatrais: como também, na construção civil e na abertura de vias urbanas largas; contribuíram na diversificação da agricultura com o cultivo dos hortifrutigranjeiros no planalto de Jaguaquara, Itiruçu e Maracás e fez de Jequié no interior da Bahia, uma cidade moderna em muitos aspectos, até os anos de 1950.

Para Azevedo (1989), no período compreendido entre os anos 80 do século XIX e os anos 30 do século XX, prosperou alfaiatarias, bares, cinemas, firmas exportadoras, fotografias e impressoras, fábricas de gasogênio, de cal, de vinhos, agências de automóveis, hotéis, lojas de fazendas e miudezas.

Nas duas primeiras décadas do século XX, a cidade já se firmava como centro de produção, coletora e distribuidora de produtos e serviços.

Devido a essas características e aos conflitos e bombardeios que ocorreram em Salvador, em janeiro de 1912, Jequié foi Capital do Estado por 10 dias, com presença do governador Aurélio Viana, deputados e senadores estaduais, evidenciando assim, a relevância que a cidade desempenhava no Estado da Bahia.

Em 1914, ocorre uma grande enchente, que destrói praticamente todo núcleo urbano inicial. Conforme Araújo (1971), “o rio invade toda cidade destruindo igreja, cerca de mil casas e ruas, causando imensos prejuízos”. Nesta enchente Jequié ficou praticamente arrasada, apenas mais de uma centena de casas foram poupadas. Com isso houve deslocamento da cidade para as partes altas.

A partir dessa enchente, surgiu o bairro do Jequezinho e ocorreu a mudança da feira livre para a Praça Rui Barbosa, que era terreno de propriedade dos irmãos Grillo, e foi doado com este objetivo.

Nessa época, Jequié já se preparava para receber a estrada de ferro, a respeito desse fato, Araújo (1971, p. 53), faz o seguinte comentário:

[...] as pontas de trilho da estrada de ferro estavam em Jaguaquara e sabia-se que mais cedo ou mais tarde, atingiriam Jequié. Novos planos foram postos em execução e a cidade, dentro de pouco tempo, ganhou ruas modernas e amplas, em substituição aos acanhados logradouros do passado.

As novas perspectivas, que se iniciavam com a chegada da Estrada de Ferro, contribuíram no crescimento da cidade e na abertura de novas ruas, praças e avenidas, como: Rua da Areia, atual Félix Gaspar, Rua da Itália, Sete de Setembro, 2 de Julho, Riachuelo, Mota Coelho, Damião Vieira e Silva Jardim, Avenida Alves Pereira e Praça Rui Barbosa no Centro, enquanto no Jequezinho, formavam-se as ruas José Bittencourt, Artur morais e José Moreira Sobrinho.

Nesse período surgiu também o Barro Preto, bairro formado por aproximadamente 600 garimpeiros negros, que trabalhavam na construção da

Estrada de Ferro, atualmente o bairro é denominado Duque de Caxias, e só durante os anos de 1990 recebeu infra-estrutura urbana.

A influência dos italianos é marcante na construção civil e também na posse de terra urbana, principalmente pelos irmãos Grillo, que doaram os terrenos para a construção da estação da estrada de Ferro, da Igreja Matriz, do Hospital Prado Valadares e do Aeroporto Vicente Grillo.

É neste contexto, que a cidade estrutura-se e passa a desempenhar o papel de um lugar central com o aumento de fluxos de pessoas e mercadorias das diferentes áreas municipais.

3.2.2 Informações geográficas

O município de Jequié faz limites, ao Norte, com os municípios de Maracás, Manoel Vitorino e Boa Nova; ao Sul, com Jitaúna, Ipiaú e Wenceslau Guimarães; a Leste com Jaguaquara, Itiruçu e Lafaiete Coutinho e a Oeste com Itagi e Aiquara. As principais rodovias de acesso à cidade são as BR 116 (Rio-Bahia); 330 e 101.

O município tem vários distritos e povoados. Como distritos: Florestal; Itaibó; Boaçu; Itajuru; Monte Branco; Baixão; Oriente Novo e Barra Avenida e como povoados: Tamarindo; Campo Largo; Santa Rita; Nova Esperança; Boa Vista, Humaitá; Santa Clara; Barragem da Pedra; Água Vermelha; Rio das Pedras; Morro Verde; Deus Dará; Cachoeirinha; Rio Preto do Costa e Marcela.

Cidades	Distância
Feira de Santana	249 km
Aracajú	592 km
Recife	1.099 km
Fortaleza	1.400 km
Ilhéus	190 km
Vitória da Conquista	153 km
Governador Valadares	683 km
Rio de Janeiro	1.263 km
São Paulo	1.713 km
Belo Horizonte	1.132 km
Brasília	1.872 km

Quadro 1 - Distâncias das principais cidades

Fonte: DERBA (2008)

O quadro acima apresenta a distancia em Kilometros entre Jequié e as principais cidades da Bahia e do Brasil, Embora a distância demonstrada entre Jequié e os fornecedores de matéria-prima, geralmente localizados no Sul do país, seja significativa, a indústria têxtil de Jequié ainda conseguia ser competitiva no mercado nacional.

3.2.3 A dinâmica demográfica

O crescimento da população de Jequié ocorreu em função da chegada da ferrovia em 1930 e da abertura da rodovia BR-116 na década de 1950, estes dois elementos promoveram o aumento dos fluxos, em consequência ocorreu o crescimento no setor comercial, instalação de serviços de saúde, educação, bancos e construção do aeroporto, entre outros.

Tabela 4 - Evolução da população de Jequié – 1940/2007

ANO	POPULAÇÃO TOTAL (A)	POPULAÇÃO URBANA (B)	TAXA DE URBANIZAÇÃO (B/A)%	POPULAÇÃO RURAL (C)	TAXA DE RURALIZAÇÃO (C/A)%
1940	75.919	16.766	22,08	59.153	77,91
1950	90.155	35.755	39,65	54.400	60,34
1960	75.155	43.013	57,23	32.142	42,77
1970	101.174	64.745	64,84	35.429	35,16
1980	116.868	89.938	74,38	29.930	25,62
1991	144.772	116.885	80,73	27.887	19,27
1996	165.345	134.910	81,59	30.435	18,41
2000	147.115	130.207	88,50	16.908	11,50
2007	145.964	133.884	91,72	12.080	8,28

Fonte: IBGE (2008)

Nota: Censo Demográfico 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 1996, 2000, 2007

Observa-se pela tabela acima, que entre 1940 e 1950 a população urbana duplica a taxa de urbanização que era de 22,08%, alcança 39,65% em uma década, mesmo assim, neste período predominava a ruralização da população, que ocorre em função da base produtiva ter sua sustentação na agropecuária.

No entanto a partir de 1970, a população urbana era predominantemente com índice de 64%, enquanto a rural contava com taxas de 35,16%.

Por outro lado, é nesse mesmo ano que a população brasileira urbana começa a superar a população rural, apresentando índice de 55,92%, inferior ao

percentual de Jequié, ver tabela 4, enquanto a população do Estado da Bahia apresentava comportamento inverso com índice de 58,84% da população vivendo na zona rural.

Tabela 5 - Percentual de crescimento populacional e inserção estadual e nacional – 1940/2007

ANO	População (%)	Brasil	Bahia	Jequié
1940	Urbana	31,23	23,92	21,71
	Rural	68,77	76,07	78,29
1950	Urbana	36,16	25,51	29,98
	Rural	63,84	74,48	70,02
1960	Urbana	44,67	34,78	44,70
	Rural	55,33	65,21	55,50
1970	Urbana	55,92	41,15	64,83
	Rural	44,06	58,84	35,17
1980	Urbana	67,60	49,26	74,38
	Rural	32,40	50,73	25,62
1991	Urbana	75,47	59,12	80,73
	Rural	24,53	40,87	19,27
2000	Urbana	81,21	67,04	88,50
	Rural	18,78	32,95	11,50
2007	Urbana	85,23	58,91	91,72
	Rural	14,77	41,09	8,28

Fonte: IBGE (2008)

Nota: Censo Demográfico 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 1996, 2000, 2007

Entre os anos de 1970 a 1980, apesar da implantação do Distrito Industrial de Jequié, não houve alteração significativa no crescimento populacional de Jequié. No entanto a população urbana já representava 74,38% da população total do município, superior aos índices da população urbana brasileira, que era de 67,60%, e da população urbana do Estado da Bahia, que apresentava equilíbrio entre as taxas de urbanização 49,26% e ruralização 50,73%. No ano de 1991, a predominância urbana se firmava em Jequié com 80,73% da população do município, no Brasil com 75,47% da população do país e na Bahia com 59,12% da população rural, ou seja, duas décadas posteriores ao acontecido em Jequié e no Brasil.

Jequié apresenta um ritmo de urbanização superior ao do estado da Bahia e ao do Brasil, desde 1970, enquanto ao longo das duas últimas décadas ocorre perda da população rural, motivada, principalmente pela crise na agricultura e na pecuária, especificamente na lavoura cacaueteira, no final dos anos de 1980 e no decorrer dos anos de 1990.

As dificuldades dos setores da agropecuária estão relacionadas com a abertura da economia brasileira, que necessitou da modernização das atividades agrícolas.

Esta ruptura entre uma produção agrícola tradicional e a incorporação de novas técnicas nas atividades agrícolas, juntamente com a crise da cacauicultura, promoveu a expulsão da população rural de Jequié.

No quadro 2, podemos constatar que em 1996 Jequié contava com uma população de 165.345 habitantes, com 134.910 residindo na cidade. Entretanto, nos dados do censo de 2000, Jequié contava com 147.115 habitantes, sendo 130.207 residentes urbanos, demonstrando assim, perda populacional.

Em 2007 a população de Jequié diminuiu para 145.954, evidenciando mais uma perda de população que migrou para outros centros.

Posição	Cidade	População Ano - 1996	Cidade	População Ano - 2000	Cidade	População Ano - 2007
1	Salvador	2.211.539	Salvador	2.443.107	Salvador	2.892.625
2	Feira de Santana	450.487	Feira de Santana	480.949	Feira de Santana	571.997
3	Ilheus	242.445	Vit. da Conquista	262.494	Vit. da Conquista	308.204
4	Vit. da Conquista	242.155	Ilheus	222.127	Juazeiro	230.538
5	Itabuna	183.403	Itabuna	196.675	Camaçari	220.495
6	Juazeiro	172.065	Juazeiro	174.567	Ilhéus	220.144
7	Jequié	165.345	Camaçari	161.727	Itabuna	210.604
8	Camaçari	134.901	Jequié	147.202	Jequié	145.964
9	Alagoinhas	122.838	Barreiras	131.849	Lauro de Freitas	144.492
10	Barreiras	113.695	Alagoinhas	130.095	Alagoinhas	132.725

Quadro 2 – População das 10 maiores cidades baianas – 2000/2007

Fonte: IBGE (2008)

Nota: Censo demográfico de 1996, 2000, 2007

Jequié ocupava a sétima posição em população no estado da Bahia em 1996, e no ano de 2000 passou a ocupar a oitava colocação, depois de Salvador, Feira de Santana, Vitória da Conquista, Itabuna, Ilhéus, Camaçari e Juazeiro. (IBGE, 2008).

Em 2007, Jequié apesar de ter perdido população, manteve a oitava colocação.

Neste mesmo contexto, verifica-se o crescimento populacional de Vitória da Conquista, Ilhéus, Camaçari, conseqüentemente exercendo um poder maior de

polarização, sobre algumas cidades que anteriormente estavam quase que totalmente influenciadas apenas por Jequié, principalmente na área de serviços.

3.2.4 Aspectos econômicos

Historicamente, Jequié desempenhou a função de centro comercial, inicialmente por sua situação de local para pouso e descanso de boiadas e boiadeiros, tropas e tropeiros.

Esta função ficou ainda mais realçada com a implantação da estrada de ferro Jequié/Nazaré, em 1930, que favoreceu a atração populacional e fortaleceu a vocação da cidade para o papel de centro de comércio e serviços. Também a abertura da rodovia Rio-Bahia concluída em 1949, promoveu o crescimento da cidade e das suas atividades econômicas, principalmente das terciárias. Segundo Marcelo (2002), essa década é marcante também pela instalação de novos equipamentos que ajudam a modernizar e dinamizar a cidade no contexto regional, como:

- Construção da ponte Teodoro Sampaio sobre o Rio das Contas;
- Construção do Aeroporto Vicente Grillo;
- Construção do Hospital Geral Prado Valadares.

Esses novos equipamentos contribuíram com as transformações que ocorreram em Jequié naquele período, que passou de um centro coletor e distribuidor, para assumir as funções de um centro comercial e de serviços.

Na década de 1950, Jequié já exercia a função de um centro dotado de serviços bancários, educacional, de saúde, administrativo e comercial. A implantação dos serviços refletia no crescimento da cidade e na configuração de sua área de influência.

Segundo Marcelo (2002), acontecimentos e equipamentos modernizadores instalados nessa década foram:

- Construção da estrada de Ferro Jequié – Ubaitaba – Ilhéus (paralisada);
- Construção da Usina Hidroelétrica do Funil no Município de Ubatã;
- Instalação do posto odontológico Milton Muniz;

- Construção do Instituto de Educação Regis Pacheco (IERP);
- Construção do Mercado Municipal na Praça da Bandeira;
- Instalação da Radio Baiana de Jequié;
- Criação da Associação Jequeense de Imprensa.

A construção destes equipamentos promoveu o crescimento das atividades comerciais e de serviços.

Com a abertura da BR-116, surgiu novo eixo de fluxo no sentido norte-sul e consolidou-se outro no sentido leste, através da BR-330. Estas novas interações contribuíram com o crescimento das atividades sócio econômicas.

No contexto regional, Jequié já tinha consolidado sua função de captação e distribuição de produtos e caracterizava-se como uma cidade terciária, atraindo a fixação de profissionais liberais, devido a existência de mercado de atuação, infraestrutura urbana, melhor condição habitacional e econômica.

Essas condições favoreceram a fixação de agropecuaristas dos municípios da área de influencia de Jequié, que contribuíram com a captação de capital para a cidade e com a vinda de novos comerciantes de Amargosa, Santo Antonio de Jesus e Ubaíra.

Contudo, o fechamento da estrada de ferro Nazaré-Jequié em 1962, diminuiu o fluxo de pessoas e mercadorias existentes em seu trajeto e enfraqueceu as interações entre Jequié e o Recôncavo Baiano.

Esse fato evidencia o fortalecimento do rodoviarismo que promove o dinamismo de centros urbanos como Vitória da Conquista e Feira de Santana, no eixo da BR-116, e de Ilhéus e Itabuna, na BR-110, que passaram a competir com Jequié no contexto regional.

Assim Vitória da Conquista e Itabuna/Ilhéus, localizadas em regiões dinâmicas e estratégicas no estado da Bahia, tiveram seu crescimento assegurado pelo sistema viário, que proporcionava e consolidava seu papel de centro regional.

Conseqüentemente o reflexo desses acontecimentos provocou a diminuição do ritmo de crescimento de Jequié, sua área de influencia recebe competição de outros centros regionais como Feira de Santana, Vitória da Conquista e Ilhéus/Itabuna, que ampliam suas funções regionais em conseqüência da retração de Jequié.

Apesar disso, nessa década (1960) inicia-se a modernização do setor produtivo com a implantação do FRISUBA (Frigorífico do Sudoeste Baiano S/A) e do

Curtume Aliança, que atua no beneficiamento de couro, atualmente esses dois equipamentos estão desativados.

Nesse período, ocorre o crescimento na produção de cacau, o que contribui para o crescimento da população rural.

Durante a década de 1970, as mudanças continuam sendo presenciadas em Jequié, através da implantação de equipamentos no setor produtivo.

No final da década de 1970 ocorre o crescimento da cacauicultura, das indústrias de confecções, nesse período instalam-se órgãos estaduais de alcance regional. Esses fatores promoveram o dinamismo no setor comercial e de serviços.

No comércio, acontece aumento de vendas dando origem às lojas especializadas na Praça Rui Barbosa e ruas João Mangabeira, sete de Setembro e Alves pereira.

Nos serviços, houve a modernização das agências bancárias já existentes na cidade, tais como: Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal e Banco Itaú; na saúde, implantou-se a Casa de Saúde e Maternidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Nos serviços de educação foram implantados os colégios públicos: Polivalente Edivaldo Boaventura e Centro Educacional Luiz Viana Filho e a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras.

Na década de 1980, novos equipamentos foram instalados na cidade de Jequié, promovendo a continuação do dinamismo evidenciado na década anterior. No entanto, a partir da segunda metade desta década, Jequié se retrai devido alguns fatores, entre os quais, a falta de vias, que possibilitem e facilitem a sua acessibilidade.

Essa constatação fica evidenciada através do estudo elaborado pelo IBGE em 1987 que delimitou a área de influência de Jequié, composta por 23 (vinte e três) municípios, inferior a área de influência, delimitada pelo IBGE em 1972, formada por 27 municípios.

Além disso, a região cacauera entra em um processo de desaceleração e estagnação econômica, afetando diretamente Jequié. Por outro lado, outras regiões baianas se dinamizam, Juazeiro com a agricultura irrigada e Barreiras com o cultivo da soja.

Muitos fatores são destacados pelos produtores como responsáveis pela crise da cacauicultura, entre eles estão: falta de crédito; corte nos subsídios; baixos preços do produto; período longo de estiagem e a praga da vassoura de bruxa.

O prolongamento da seca também provocou, no semi-árido, a crise da cafeicultura e conseqüentemente a desativação do armazém do Instituto Brasileiro de Café (IBC).

Essas mudanças provocaram o fechamento das agências do banco Itaú, Banco Real e Bamerindus S/A e contribuíram na queda nas vendas do comércio, colaborado com as péssimas condições da BR-330, que liga Jequié às duas zonas, úmida (leste) e semi-árida (oeste), como também, das rodovias conectadas à BR-330.

Algumas transformações ocorridas durante o final da década de 1990 promoveram a retomada do dinamismo em Jequié, tais como: crescimento, diversificação e a modernização da agropecuária e agroindústria de Jequié; Instalação do Poliduto da Petrobrás; O crescimento do serviço de saúde, com ampliação do número de hospitais e do serviço de hotelaria, com o crescimento do número de hotéis e pousadas; Atuação do Estado na criação de infra-estrutura e modernização da cidade.

A partir de uma análise comparando os dados do Plano Diretor Urbano de Jequié (1976), onde constam 98 unidades industriais e 949 unidades no setor comercial e de serviço, totalizando 1.047 empresas, o censo empresarial, elaborado de acordo a distribuição das atividades econômicas pelo Sebrae-Jequié (1998) identificou 2.552 unidades empresarias, das quais 302 são do setor industrial, 1.020 do setor comercial e 1.230 de serviços. (MARCELO, 2002).

A confrontação desses dados demonstra o dinamismo que se processa em Jequié, que passou de 1.047 empresas em 1976, para 2.552 em 1998.

Historicamente, a atividade comercial desempenhou papel relevante em Jequié. Dentre as atividades comerciais que mais cresceram nos últimos anos estão os ramos de supermercados; material de construção; móveis e eletrodomésticos e calçados.

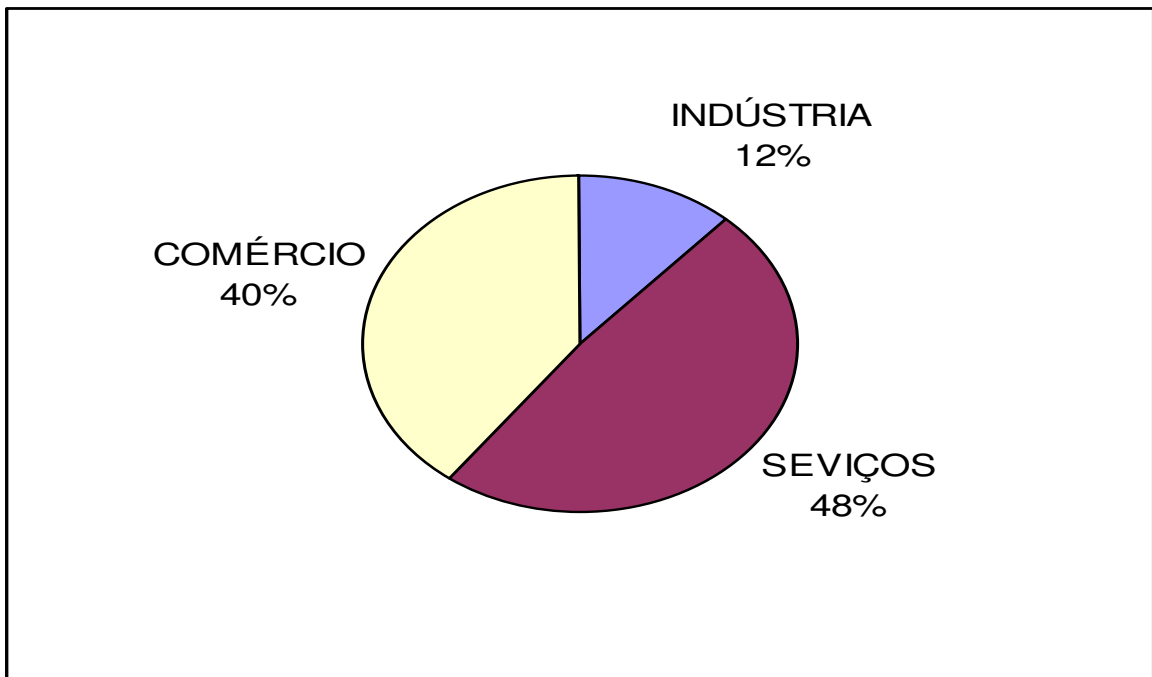


Figura 4 - Jequié - distribuição das empresas - 2005
Fonte: SEBRAE-BA (2005)

Conforme os dados da figura anterior, as empresas estão assim distribuídas: 48% no setor de serviços, 40% no comércio e 12% no setor industrial, retratando a predominância das atividades de serviços e comércio, correspondendo a 88% das empresas existentes em Jequié.

Jequié se caracteriza como uma cidade terciária, que se revigora a partir da segunda metade dos anos 1990, rompendo com a estrutura agrária. Segundo dados do plano do distrito industrial de Jequié (1974), a mão-de-obra estava assim distribuída, 44% no setor primário, 42,1% no setor terciário e 13,5% no setor industrial.

Foi a partir dessa década que cresceram os serviços de saúde, educação e hospedagem.

Esse crescimento foi observado a partir da ampliação do número de hospitais, de leitos e profissionais especializados, o aumento de cursos e vagas na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus de Jequié, a instalação da Faculdade de Ciências Contábeis, transformada em 2001 em Faculdade Integrada de Jequié, a implantação da Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC) e a ampliação do número de hotéis e pousadas.

3.2.5 Distrito industrial de Jequié

Ao analisar os aspectos econômicos da cidade de Jequié, é importante dedicar uma atenção especial para o Distrito Industrial de Jequié.

O Distrito Industrial de Jequié foi implantado em 1974, através da Secretaria da Indústria e Comércio do Governo do Estado da Bahia. O objetivo principal era promover a implantação ou realocação de indústrias têxteis, visando desenvolver o setor industrial de Jequié.

Segundo as diretrizes do Plano Diretor de 1974, deveria contribuir para: aumentar a renda e a oferta de empregos; aumentar a arrecadação de impostos; retrain o fluxo de mão-de-obra da região para os grandes centros; promover um melhor aproveitamento dos recursos minerais e agropecuários da região e disciplinar o processo de urbanização da cidade, através do zoneamento urbano.

Pinheiro (1991) acreditava que, conforme o proposto no plano Diretor Industrial de Jequié (1974), o estímulo à indústria local pudesse proporcionar as condições para que Jequié continuasse mantendo suas características de um centro regional e sua posição entre as cinco cidades mais importantes do interior da Bahia, o que não aconteceu.

O Distrito Industrial de Jequié não conseguiu atrair as indústrias de confecções de Jequié, destas apenas a Estrela e a Bremer instalaram suas fábricas naquele sítio, as demais preferiram continuar no mesmo endereço, mesmo modernizando sua produção.

Esta foi a decisão tomada pela Injer, atualmente Lebrut, a única das grandes fábricas da considerada década de ouro das confecções de Jequié, que além de sobreviver a todas as dificuldades da época, prosperou e consolidou seu espaço no mercado.

A partir da tabela 6 é possível observar a dinâmica do Distrito Industrial de Jequié durante o período compreendido entre 1977 a 2000.

Observa-se que já nesse período, o Distrito Industrial de Jequié, começa a ser ocupado por empresas que não fazem parte do setor industrial. Exemplos: a Viação Cidade Sol; a Auto Viação Camurugipe Ltda.; Frigel – Frigorífico Jequié Ltda.; Serviluz – paisagismo; Ibametro.

As políticas desenvolvidas para atrair as indústrias locais para o Distrito Industrial de Jequié fracassaram desde o início de sua implantação.

Tabela 6 - Empresas em funcionamento no Distrito Industrial de Jequié -1977/2000

Ano	Empresas	Empregos	Atividade
1977	Bremer S/A Moda Juvenil	260	Confecções
1977	Artiplastico Ind. Artefato de Plástico	47	Derivados de plásticos
1977	Viação Cidade Sol	143	Transporte intermunicipal
1979	Produtos Alimentícios Gameleira	132	Produtos alimentícios (Biscoitos)
1979	Moinho Paquetá Ind. Com. Ltda.	28	Moagem e torrefação de café
1979	Paquetá Ind. Com. Ltda.	10	Produtos alimentícios (milho)
1979	IPAM – Ind. Produtos Alimentícios	18	Moagem e torrefação de café
1980	Serralheria Jequié	10	Serralheria
1980	Serraria Norte/Sul	07	Madeira
1982	Ind. Mercantil Triunfo Ltda.	36	Moagem e torrefação de café
1986	Petyan Ind. de Alimentos Ltda.	70	Produtos alimentícios (biscoitos)
1991	Serraria Galvão Ltda.	09	Madeira
1992	SENAI	04	Treinamento de mão de obra ind.
1993	Ind. Art. Fibras Barreto	12	Fabricação de artefatos de fibra
1996	Madeart	06	Fabricação de móveis
1996	Frigel – Frigorífico Jequié Lda.	152	Distribuição de prod. Congelados
1996	Serviluz – paisagismo	04	Paisagismo
1997	Layo Pasteurização Laticínios	06	Beneficiamento de Leite
1998	Ibmetro	08	Pesos e medidas
1998	Fricapi	10	Frigorífico de caprinos
1998	Ramarim do Nordeste	830	Calçados
1999	Produtos Alimatar Maria Rosa Ltda.	08	Produtos alimentícios
2000	Venilex Amazonas	150	Solados para calçados
2000	Jequié Pasteurização Laticínios	12	Beneficiamento de leite
2000	Auto Viação Camurugipe Ltda.	78	Transporte intermunicipal
TOTAL		2.050	

Fonte: SUDIC (2000)

Nota: Distrito Industrial de Jequié, relatório das atividades e órgãos localizados no DIJEQ

A tabela acima retrata o início do declínio do setor de confecções de Jequié. Nesse período, a Estrêla Indústria de Roupas e Confecções – uma das mais importantes – já não aparece mais na relação de empresas instaladas no Distrito Industrial de Jequié.

Apesar de ter sido uma das pioneiras a transferir o seu parque fabril para o Distrito Industrial de Jequié, a Estrêla Indústria de Roupas e Confecções, não conseguiu sobrepor à crise do setor.

O local que abrigavam antes a Estrêla Indústria de Roupas e Confecções, agora é ocupado pela Ramarim do Nordeste.

Quanto às condições salariais, trabalhadores sem especialização recebem um salário mínimo, trabalhadores ligados a administração dois salários mínimos, trabalhadores semi-especializados dois salários mínimos e meio, e os trabalhadores especializados, até cinco salários mínimos. (SUDIC, 2009).

Vale ressaltar que os cargos de chefia e de comando das empresas locais, são ocupados pelos proprietários, enquanto nas empresas Vinilex e Ramarim, esses cargos são preenchidos por funcionários oriundo da matriz do sul do país.

Empresas	Empregos	Atividade
Arte & Moldes Engenharia Ltda.	16	Artefatos de cimento
Auto Viação Camurugipe Ltda.	31	Transporte de passageiros
Amazonas Produtos para Calçados	140	Solados diversos
Arlindo G. S. – Biscoito Bispo	14	Biscoito em geral
Brito Souza – Ind. e Com. Ltda	20	Velas
19° BPM	633	Serviço público militar
Calçados Ramarim do Nordeste S.A.	2.113	Calçados em geral
Coelba – Subestação	3	Subestação de energia
Com. E Trans. de Bebidas Ipiaú Ltda.	80	Distribuidora de bebidas
Cooperativa de Leite Jequié Ltda.	7	Pasteurização de leite
CN- Produtos Químicos Ltda.	3	Tintas e vernizes
Empresa Viação Cidade Sol Ltda.	380	Transporte de passageiros
Epifânio Lima – Madeart	17	Esquadrias de madeira
Frigorífico de Caprinos e Ovinos – Fricapri	9	Frigorífico de abate
Frigorífico e Estivas Jequié Ltda. – Frigel	208	Frigorífico e estivas
INBAHIA representações e distribuições Ltda.	53	Distribuição de alimentos
Ibmetro	8	Serviço de peso e medidas
Indústria Mercantil Triunfo Ltda.	36	Moagem e torrefação de café
Ind. de Art. de Fibras Barreto Ltda	17	Tanques de fibra de vidro
Ind. e Com. de Prod. Pop. Milly Ltda.	12	Moagem e torrefação de café
Ind. de Leite Jequeense – INJEL	6	Moagem e empacot. de leite em pó
Ind. de Prod. Alimentos Moenda Ltda. – IPAN	48	Moagem e torrefação de café
Ind. de Alimentos e Bebidas Ltda. – Top Free	81	Refrigerantes
Moinho Paquetá Ind. e Com. Ltda.	48	Prod. Alimentícios de milho
Petyan – Ind. de alimentos Ltda.	130	Biscoitos e macarrão
Produtos alimentícios Gameleira Ltda.	142	Biscoitos e macarrão
Produtos alimentícios Maria Rosa Ltda..	36	Moagem e torrefação de café
SENAI	9	Treinamento de capacitação
Serralheria Jequié Ltda.	9	Serralheria
Serraria Galvão Ltda.	14	Produtos de madeira
Pré-moldados artefatos de cimento Ltda.	14	Artefatos de madeira
Total Flex ind. de embalagens Ltda.	114	Embalagens plásticas
Tonet Ind. Têxtil Ltda. – FIPAN	61	Atracadores e cadarços

Quadro 3 - Jequié - empresas do distrito industrial – 2009

Fonte: SUDIC (2009)

Nota: Distrito Industrial de Jequié, relatório das atividades e órgãos localizados no DIJEQ

O Quadro acima extraída do relatório de atividades e órgãos localizados no Distrito de Jequié traduz a realidade atual, onde não aparece nenhuma indústria de confecções instaladas naquela localidade, pois a única que restava, a Bremer, encerrou definitivamente as suas atividades.

Além dos órgãos relacionados na tabela acima, *ainda funciona naquele local um clube de serviços – Associação Atlética Banco do Brasil – AABB*, a existência de órgãos que não estão diretamente ligados à atividade industrial, demonstra claramente que o Distrito Industrial de Jequié desviou o seu objetivo principal, para o qual foi idealizado.

Comparando as informações dos quadros 2 e 3, que compreende o período de 2000 e 2009, não observamos muitas alterações nas atividades empreendidas pelas empresas instaladas no Distrito Industrial de Jequié com relação a quantidade de empregados.

São poucas as exceções que contrariam a afirmação acima, dentre elas vale ressaltar a Ramarim que aumentou em mais de 100% o número de empregados durante esse período e a Petyan que praticamente dobrou o seu quadro de funcionários.

A Ramarim foi atraída para o Distrito Industrial de Jequié através dos incentivos fiscais oferecidos pelo Estado da Bahia, motivada pela gestão política dos líderes locais. Esta indústria de calçados se instalou nos antigos galpões pertencentes à indústria de roupas e confecções da Estrela.

Outra empresa a ser destacada é a Total Flex que pertence ao grupo da Petyan. Desenvolve e produz embalagens para empresas locais e para outras em todo Brasil. Esta empresa existia com o nome de Artioplastico Indústria & Artefatos de plásticos, no ano de 2000 empregava 70 funcionários e atualmente dobrou o número de empregos efetivos.

A gestão familiar foi predominante durante as primeiras décadas da implantação do Distrito Industrial de Jequié, esse perfil começa a ser modificado com a chegada da Ramarim e Vinilex Amazonas.

A partir de 2000, as empresas começam a profissionalizar a gestão e a se preocupar mais com a administração profissional, mesmo sob o controle familiar.

Nas indústrias de confecções de Jequié, a gestão familiar - segundo entrevista com ex-proprietário de fábrica de confecções - foi uma das causas importantes que potencializaram as conseqüências negativas da crise no setor jequeense.

3.3 A IMPORTÂNCIA DA INDÚSTRIA TÊXTIL E CONFECÇÕES

Para o secretário de Desenvolvimento Econômico do Município de Jequié, Carlos Roberto Machado, ao longo de sua história a indústria de confecções do

município, gerou recursos equivalentes a mais de cem milhões de dólares, sob a forma de salários, tributos e encargos sociais.

Ainda segundo o secretário, exportando para outros estados do país e para o exterior por meio de companhias de exportação, a indústria de confecções de Jequié assumiu um papel relevante no desenvolvimento sócio econômico regional.

Neste período a produção de Jequié alcançava 60% da produção da Bahia, basicamente pelas seis maiores empresas locais⁶.

O município de Jequié se transformou num importante produtor de confecções, definitivamente na década de setenta, mesmo distante dos principais fornecedores de matéria prima e dos mais importantes mercados consumidores da produção local.

O principal fator que impulsionou essa ascensão é atribuído principalmente à mão de obra barata, porém especializada, o primor pela qualidade foi outra condição essencial para que as roupas produzidas em Jequié alcançassem destaque nos principais mercados comerciais. As maiores indústrias de confecções de Jequié utilizavam tecnologia de ponta, principalmente na lavagem do jeans, através de maquinário importado.

A partir dos anos 80, a indústria de confecções de Jequié começa a entrar em crise, decorrente de muitos fatores tais como: alto custo da matéria prima, elevação dos custos financeiros, a perda do poder aquisitivo da população, dentre outros.

Em seguida o setor começou a se retrair e perder mercado, resultando na elevação do endividamento das empresas e conseqüentemente na falta de capital de giro.

A importância do setor têxtil para a economia brasileira é claramente evidenciada por meio dos números divulgados pela Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção, revelando que este setor emprega cerca de 1,7% da população economicamente ativa, ou 16,7% do total dos trabalhadores alocados na indústria de transformação, com faturamento em 2005 de cerca de US\$ 26 bilhões. (BAHIA..., 2006).

Segundo esta mesma fonte a indústria têxtil e de confecção do Brasil, é a sétima maior do mundo e segunda maior empregadora da indústria de transformação do país, no entanto tem seu desenvolvimento ameaçado.

⁶ BREMER, ESMERC, LAY & LOY, INJER, SAMIL e VIHELE.

Contudo, após apresentar superávit por cinco anos seguidos e ter dobrado suas exportações no mesmo período (US\$ 2,2 bi, em 2005), o setor, em 2006, voltou a apresentar déficit em sua balança comercial. (BAHIA..., 2006).

Segundo a Associação Brasileira da Indústria Têxtil, a Bahia possuía em 2005 cerca de 500 indústrias de confecções, concentradas em Salvador e Feira de Santana, sendo que 52,6% produziam vestuário em geral, 18,6% roupas profissionais, 10,7% moda praia/fitness e 18,1% outros. (BAHIA..., 2006).

De acordo com o Sindinvest, estima-se que o setor empregou, em 2005, 10 mil trabalhadores com carteira assinada, que respondiam pela produção mensal de cerca de um milhão de peças/ano. (SINDIVEST apud BAHIA..., 2006).

De acordo com o Sebrae-BA (2006), são as pequenas e micro empresas baianas as principais responsáveis pela produção de vestuário no estado.

Enquanto outros setores da economia do estado se desenvolveram, a representação do setor de confecções na composição do PIB baiano é cada vez menor, perdendo a cada ano a sua importância no cenário econômico nacional. Os investimentos e a atenção governamental estiveram voltados especialmente nos últimos anos para a indústria química e automobilística.

A Bahia possui uma tradição no ramo de confecções e por longo tempo este setor manteve significativa importância na sua história econômica, porém entrou num processo de decadência juntamente com a degradação da economia nordestina em detrimento do desenvolvimento das regiões sul e sudeste.

Segundo o Sebrae-BA (2006), a Bahia teve em 2006, 2,8% de participação na produção nacional de confecções e uma média de 19 empregados por empresa, enquanto, no Brasil, a média é de 65 empregados.

A Associação Brasileira da Indústria Têxtil, afirma que das 500 indústrias do setor de confecções, 250 possuem menos de 10 funcionários. (BAHIA..., 2006). Segundo o Sindinvest, em 1995, a indústria têxtil participava com 4% da indústria baiana e 30 mil empregos. Enquanto em 2005, participou com 0,5% e gerou 10 mil empregos. (SINDIVEST apud BAHIA..., 2006).

Ainda segundo a Sindinvest apud Bahia Export (2006), em 2005, Salvador possuía 42,3% das empresas de confecções e Feira de Santana, 25,6%. Juntos, esses municípios abrigavam 67,9% das indústrias de confecções do Estado. Lauro de Freitas participava com 3,5%, Jequié, com 3,3% e demais com 25,3%.

O período de 1970 a 1985 foi o mais promissor para o setor de confecções e vestuário, houve um expressivo crescimento, motivado principalmente pela implantação de centros industriais no interior, inclusive em Jequié.

Porém os resultados não foram mantidos a longo prazo, as empresas não conseguiram transformar as vocações naturais em uma vantagem competitiva que fizesse frente a outros mercados concorrentes.

Para a Sindivest, a indústria de confecções na Bahia apresenta potencial de crescimento, justificado até mesmo pelo seu mercado interno, que importa 80% das confecções que consome. Isso pode significar oportunidades de negócio e geração de emprego. (SINDIVEST apud BAHIA..., 2006).

Apesar da afirmação, é preciso analisar, no entanto, muitos outros aspectos, principalmente no que diz respeito aos arranjos produtivos propostos, pois existem muitos outros fatores a serem observados na cadeia produtiva.

3.3.1 O pólo de confecções de Jequié

As indústrias de confecções de Jequié surgiram nos primeiros anos da década de 1960, de forma espontânea. Em suas próprias residências, os empresários Arismar Oliveira e Arlécio Oliveira deram feição industrial ao pequeno fabrico de roupas iniciado por D. Ester Oliveira, nos fins dos anos de 1950. Nasceram assim as “Confecções Pererê” e “Confecções Estrela”, posteriormente transformadas nas Indústrias de Roupas Saci Pererê Ltda. e Estrela Industrial de Roupas Ltda.

Depois de uma década já existiam mais de 10 empresas produzindo roupas infanto-juvenis, que empregavam 904 trabalhadores, dos quais 90% eram do sexo feminino.

Inicialmente atendendo apenas ao mercado local, as duas pequenas indústrias foram crescendo e, com isso, influenciando o aparecimento de outras indústrias de roupas. Dentre as principais, pode-se destacar Bremer, Esmerc, Lay & Loy, Injer, Samil, Vihele.

Em 1980 é fundada a Associação das Indústrias de Roupas de Jequié, composta por quatro empresas, Estrela Industrial de Roupas Ltda., Indústrias de

Roupas Saci Pererê Ltda., Injer – Indústria Jequiense de Infanto-juvenis Ltda. e a Bremer S/A – Moda Juvenil.

Até 1990, a produção das indústrias de confecções de Jequié era voltada para o atacado, fornecendo e atendendo pedidos de lojas na escala local, regional e estadual, sendo que no território nacional as empresas atuavam nos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Paraná.

As fábricas de roupas de Jequié produziam roupas jeans, roupas íntimas, roupas infantis, blusas de malhas, de acordo com os pedidos previamente emitidos pelos compradores e a demanda do mercado local e regional. A maior parte da produção era adquirida principalmente pelas grandes redes de lojas varejistas dentre as quais se destacam Mesbla e Mappin.

O apogeu desse setor ocorreu nos anos 80, quando gerava aproximadamente 3.000 empregos diretos nas suas principais fábricas, alcançando a significativa absorção de 10% da população economicamente ativa do município.

Com o fim do ciclo de desenvolvimento desta atividade econômica, as principais empresas fecharam suas portas e as demais foram obrigadas a reduzir bruscamente a produção e seu quadro de pessoal.

No início dos anos de 1990 a abertura econômica e a alta competitividade do mercado, principalmente no setor das indústrias de confecções, acrescido à falta de crédito para giro, desencadeou uma crise estrutural que culminou com o fechamento das principais fábricas de Jequié.

A competitividade do mundo globalizado, da alta tecnologia e do marketing, mudou o perfil das indústrias de confecções e fez surgir e crescer o número de pequenas indústrias, devido à existência de mão-de-obra qualificada, originária da desativação das empresas e dos baixos investimentos necessários na abertura de uma indústria que é formada por costureiros, cortadores de tecidos e máquinas.

O surgimento de pequenas indústrias de confecções está relacionado também à terceirização no setor, principalmente após o fechamento das grandes empresas. A terceirização é praticada pelas médias e grandes empresas, com o objetivo de evitar os encargos sociais.

Com a crise no setor de confecções de Jequié e conseqüentemente a desativação das principais empresas do ramo, surge na segunda metade da década de 1990, por iniciativa dos desempregados desse mesmo setor, a criação de pequenas indústrias formais e informais.

O dinamismo das indústrias de confecções é destacado nos dados da tabela abaixo que indica a evolução do setor. A partir de 1990 a quantidade de empresas reincorporando homens e mulheres desempregados ao mercado de trabalho.

Verifica-se ao longo do período a redução no número de empresas formais e o aumento significativo das pequenas fábricas, que informalmente funcionam nas residências dos seus proprietários.

Tabela 7 - Jequié: evolução das indústrias de confecções, 1980-2009.

Ano	Formal	Informal	Total
1980	10	-	10
1990	11	-	11
1997	28	44	72
2000	80	74	154
2009	40	134	174

Fonte: ACIJ/SEBRAE e pesquisa de campo (2009)

A falta de capital para investimento é o principal motivo pelo quais as indústrias de confecções, que ainda sobrevivem em Jequié, não estarem instaladas no Distrito Industrial, por outro lado a nova atuação no varejo dificulta também esta possibilidade de relocação.

As indústrias de roupas de Jequié estão distribuídas em vários bairros da cidade, como está demonstrado no quadro a seguir. Estas fábricas, até mesmo pela dificuldade de capital para investimento, confeccionam apenas roupas de malhas e roupas íntimas, por não exigirem uma grande quantidade de máquinas e processos sofisticados. Na sua maioria, possuem gestão familiar voltada apenas para a sobrevivência do negócio, sem a preocupação com o desenvolvimento de marcas e produtos diferenciados.

Bairros	N° de Empresas
Mandacaru	68
Centro	32
Jequiezinho	20
Joaquim Romão	15
São José	08
Campo do América	07
Conjunto dos Bancários	03
São José	01
TOTAL	154

Quadro 4 - Jequié: distribuição espacial das indústrias de confecções
 Fonte: Pesquisa de campo (2009)

A maior dificuldade encontrada pelas indústrias de confecções de Jequié, somadas a alta competitividade no setor, é que a matéria prima utilizada pelo setor é adquirida nos estados de São Paulo, Pernambuco e Minas Gerais, aumentando o custo do produto final.

Esta dificuldade poderia ser superada com o incentivo a criação de indústrias de tecidos, devido às potencialidades do estado da Bahia para a produção de algodão e também a existência do Pólo Petroquímico de Camaçari na produção de material sintético, principalmente tintas para o tingimento dos tecidos.

Atualmente, segundo informações obtidas na secretaria de desenvolvimento econômico da Prefeitura Municipal de Jequié, o setor é composto, na sua maioria, por pequenas empresas de porte considerado pequeno, algumas formais e a maioria informal.

A Prefeitura Municipal de Jequié tem em seu cadastro quase 200 pequenas fábricas de roupas que funcionam nos fundos das casas de seus proprietários, quase todas sem nenhum registro legal para funcionamento.

Ainda segundo entrevista com o secretário de Desenvolvimento Econômico Municipal, na formalidade, este setor gera atualmente 500 empregos diretos com carteira assinada com salário mínimo. Enquanto na informalidade, existem cerca de 2.000 pessoas ocupadas, com a atividade de vestuário, por meio de facções com grifes famosas.

Marcas como: Mitichel, Fórum, Planet dentre outras, utilizam a mão de obra treinada e ociosa existente na cidade de Jequié como forma de redução nos custos de produção e conseqüentemente aumento na lucratividade.

No entanto essa forma de exploração não traz expectativas positivas para o setor, apesar de garantir a sobrevivência de muitas pessoas que perderam seus empregos com a crise enfrentada pelas indústrias de confecções.

A relação geral de contribuintes fornecida pela Secretaria da Fazenda estadual, afirma que apenas 45 empresas do ramo de confecções permanecem ativas. (BAHIA, 2005).

O surgimento destes pequenos ateliês, em muitos casos, é fruto das indenizações feitas pelas empresas do setor que pediram falência e como não dispunham de recursos financeiros para quitar os acordos trabalhistas, ofereceram suas máquinas como pagamento.

4 DISCUSSÃO SOBRE OS RESULTADOS

O objetivo principal desse estudo é entender o processo de ascensão e declínio do setor de confecções em Jequié. Esta pesquisa, portanto, vislumbra conhecer, utilizando processo científico, os principais fatores que contribuíram para o fim do ciclo de crescimento das indústrias de confecções de Jequié.

Nesse mesmo contexto, permeando o objetivo principal, discute-se o entendimento sobre desenvolvimento local ou endógeno e arranjo produtivo local.

Diante da complexidade dos fatores que podem ter contribuído para o fim de um ciclo promissor de desenvolvimento, as entrevistas realizadas durante o trabalho de pesquisa se tornaram instrumentos valiosos na busca de informações.

Para a escolha dos entrevistados e posteriormente a realização das entrevistas, foi necessário entender o cenário histórico e verificar a importância de cada personagem neste contexto.

A partir das informações de campo, obtidas por meio de entrevistas, foram analisados os resultados deste trabalho. Verifica-se que o vigor exibido pelo setor de confecções de Jequié nas décadas de 70/80 não foi capaz de garantir o sucesso na década seguinte.

A competitividade na década de 1990 fez o setor de confecções de Jequié perder espaço no mercado regional, estadual e nacional, provocando o fechamento das principais indústrias do setor, reduzindo o número de empregos formais e frustrando a expectativa de desenvolvimento local a partir do setor de confecções.

4.1 A IMPORTÂNCIA DO SETOR PARA A ECONOMIA LOCAL

Como visto anteriormente, as duas principais indústrias de confecções Jequié, nasceram informalmente nos fundos das casas de seus proprietários, onde suas esposas costuravam apenas para obter uma renda complementar. Inicialmente as poucas peças produzidas eram comercializadas em feiras livres.

A procura assumiu um volume suficiente para fomentar a formalização de indústrias do ramo, que em pouco tempo se tornaram referência na Bahia e no

Brasil. O crescimento das indústrias de roupas de Jequié despertou outras regiões que buscaram no sucesso jequeense um exemplo a ser copiado.

Mesmo distante dos principais centros produtores de matéria prima e dos grandes centros consumidores, as roupas e acessórios produzidos em Jequié conseguiram alcançar destaque nacional na década de 1980.

Alcançando o seu apogeu nas décadas de 1970/1980, chegou a oferecer 2.500 empregos diretos, alcançando a significativa absorção de 10% da população economicamente ativa do Município.

Ao longo da sua história esta indústria gerou recursos equivalentes a mais de U\$ 100.000.000,00 (cem milhões de dólares), sob a forma de salários, tributos e encargos sociais, desta forma também substituindo compras que seriam efetuadas por lojistas da Bahia em outros Estados e exportando para o resto do País e para o exterior através de Companhias de Exportação, assumindo assim papel relevante no desenvolvimento sócio-econômico regional. Neste período a produção de Jequié alcançava 60% do que era produzido na Bahia, basicamente pelas seis maiores empresas locais.

Segundo informações do Sebrae-Jequié, a Indústria de confecções de Jequié foi uma atividade predominante no segmento industrial no Município, participando com diversas unidades empresariais formais e informais, ou seja, 55,8 % do universo das empresas Industriais.

A concentração de atividades deste gênero formou em Jequié um pólo de confecções que já respondeu pôr 56% da produção setorial na Bahia e ocupava a primeira posição em termos de vendas.

Com a adoção de benefícios fiscais e créditos por parte de Estados vizinhos e a unificação do salário mínimo, houve uma mudança radical no perfil do segmento local que teve com conseqüência a redução de competitividade, culminando, inclusive, no fechamento de algumas empresas, situação revertida por um curto período de 1985 a 1987 quando da criação de uma portaria que versava sobre dilatação de prazo de recolhimento do ICMS.

Na história mais recente a abertura aos importados, a carga fiscal e a política trabalhista vigentes inviabilizam o aparecimento de novos empreendimentos, uma vez que o segmento é altamente absorvedor de mão de obra.

4.2 PRINCIPAIS MERCADOS CONSUMIDORES

As roupas fabricadas em Jequié extrapolaram as fronteiras regionais, além da Bahia destacou-se em todos os outros estados brasileiros. A qualidade do jeans fez sucesso até no exterior, em especial em alguns países da América Latina.

As roupas produzidas em Jequié atraíam principalmente o segmento de consumidores que buscavam qualidade e preço, ou seja, as roupas de marcas famosas apresentavam excelente qualidade, geralmente importada, porém seus preços não eram atraentes para esse segmento, por outro lado os produtos que comercializados à preços mais acessíveis não proporcionavam qualidade e estilos desejados por aqueles clientes.

A calça jeans fabricada em Jequié ganhou mercado pelo preço e qualidade, alcançando um segmento de consumidores que buscavam moda e qualidade a preço acessível, principalmente com o crescimento econômico brasileiro da década em questão (80) que permitiu o aumento do consumo de milhões de brasileiros.

4.3 FATOR QUE PROPORCIONOU O CRESCIMENTO DO PÓLO DE JEQUIÉ

O pioneirismo foi o principal fator que contribuiu para o destaque do setor de confecções de Jequié. *As indústrias de Jequié saíram na frente de outras regiões*, não existiam concorrentes que produzissem roupas com a mesma qualidade.

O crescimento econômico da década de 70 também ajudou o consumo, tudo que era produzido pelas fábricas de Jequié era vendido.

Os pedidos chegavam por meio dos representantes espalhados em todo país, as indústrias fabricavam, primando sempre pela qualidade e agilidade na entrega, obedecendo aos prazos estabelecidos.

O setor de confecções de Jequié se tornou modelo para a Bahia e para o Brasil, muitas excursões promovidas pelo governo do Estado da Bahia, tinham como destino o município de Jequié, o propósito era o de conhecer as experiências empreendidas no setor.

O sucesso alcançado pela indústria de confecções de Jequié, atravessou barreiras regionais e conquistou destaque no cenário nacional.

4.4 FATORES QUE CONTRIBUÍRAM PARA O DECLÍNIO

Muitos fatores contribuíram para o fracasso do Pólo de confecções de Jequié. Alguns foram considerados mais importantes: entrada de novos concorrentes; baixo nível tecnológico em relação a outros pólos; abertura de mercado (Confecções da China); falta de capital de giro; elevação do piso salarial; administração familiar.

A posição de destaque conquistada pelas indústrias de Jequié atraiu outros concorrentes para o setor. Outras regiões começaram a se espelhar na experiência de Jequié e a investir também em fabricação de roupas.

Surgiram outros pólos de confecções no Brasil inteiro, principalmente no Ceará e Minas Gerais, além de outros municípios baianos como Salvador, Feira de Santana, Ilhéus, Vitória da Conquista dentre outros.

O surgimento de concorrentes mais preparados, ou seja, estruturados, já conhecendo os pontos fracos da indústria de Jequié, buscaram outras vantagens competitivas que as fábricas de Jequié não estavam preparadas para atingir.

O mercado ficou reduzido, as indústrias de Jequié continuaram grandes e pouco flexíveis, produzindo e comercializando do mesmo jeito que faziam antes, não estavam preparadas para aquela contingência.

Por outro lado, o sindicato dos funcionários do setor de confecções de Jequié, não aceitando as condições salariais oferecidas pelos patrões, realizou uma greve que proporcionou grandes conseqüências financeiras às fábricas de roupas de Jequié.

Esse embate terminou na justiça com ganho para os trabalhadores, onde os patrões foram obrigados a elevar o piso salarial da categoria, muito além daquele praticado em outras regiões.

O aumento nos custos de produção falta de capital para investir em novas tecnologias e máquinas modernas mais produtivas, as indústrias de Jequié se endividavam cada vez mais, atrasando os pagamentos com: fornecedores; funcionários; fiscos estadual e federal.

Diante de tudo isso, os problemas oriundos da gestão familiar tornavam mais distantes as decisões a serem tomadas.

4.5 ESTRATÉGIA EQUIVOCADA

O setor de confecções de Jequié nasceu e cresceu sustentado pela pouca concorrência no setor, além do milagre econômico brasileiro que facilitou o consumo de tudo o que era produzido.

Com a redução do mercado com a entrada de muitos outros concorrentes, a principal estratégia para continuar produzindo em larga escala e manter os preços competitivos, foi buscar os grandes magazines como os principais clientes.

As grandes e principais indústrias de roupas de Jequié ficaram altamente dependentes de poucos e poderosos clientes, logo, o poder de negociação ficou ainda mais reduzido.

Quase tudo que se produzia era destinado aos grandes magazines. As roupas saiam da fábrica já com a etiqueta do cliente, que tinha o poder de não comprar imediatamente toda a quantidade estipulada no pedido, à crise econômica dos anos 80 era a principal alegação desses magazines.

Muitas vezes as fábricas de roupas de Jequié tinham que ficar com parte da produção, pois o cliente voltava atrás e não honrava com o compromisso assumido através de pedido.

O cancelamento de parte dos pedidos se tornou rotina no final da década de 1980. Faltava um instrumento jurídico eficiente que obrigasse os grandes varejistas a comprarem toda a produção encomendada.

A fragilidade desse relacionamento comercial foi um dos motivos alegados por um dos ex-diretores da Estrela por sua principal crise, onde a Mesbla encomendou mais de 10 mil peças e cancelou o pedido depois que a produção estava concretizada, alegando falência, depois desse fato a Estrela também faliu.

4.6 TENTATIVA FRUSTRADA DE ARRANJO PRODUTIVO

O sucesso dos Arranjos Produtivos Locais (APLs) resulta principalmente da cooperação entre agentes locais e do conhecimento criado dentro do próprio APL. É preciso haver, portanto, organização e cooperação visando benefícios comuns. A ação conjunta será mais eficaz do que a ação individual movida pelo egoísmo.

Os APLs, portanto, são sistemas de produção que se enraízam ao local, graças principalmente a vantagem competitiva que aquela própria localização proporciona. Estas vantagens locais geralmente estão ligadas à cooperação e a facilidade de aperfeiçoar o conhecimento técnico e comercial.

Considerando os movimentos de mercado e de capitais cada vez mais livres, as aglomerações de empresas que desenvolveram atividades cooperativas e um processo de criação e difusão do conhecimento enraizado na localidade tem mais chance de proporcionar o desenvolvimento regional mediante a competição globalizada.

O setor de confecções de Jequié produziu resultados a partir da cooperação, nem tão pouco através de um arranjo produtivo que as preparassem para a movimentação dos novos entrantes.

A tentativa de aglomerar as indústrias de confecções no Distrito Industrial de Jequié, não reuniu as condições econômicas necessárias, logo o resultado não foi o esperado. Apenas duas empresas se instalaram naquele local. As demais continuaram produzindo nos mesmos locais de antes.

A competição acirrada entre as grandes empresas locais, indiretamente impediram o crescimento e desenvolvimento das demais.

O processo de produção de brim e jeans – especialidade das indústrias de confecções de Jequié – exigia acabamento especial através de lavagens em máquinas industriais apropriadas, que resultava em alto investimento. Esse fator inicialmente limitou a entrada de novos concorrentes.

Nesse contexto, as principais empresas locais devido à facilidade de aporte financeiro, compraram máquinas modernas para a época e expandiram individualmente os seus setores de lavagem e pintura. Sem a preocupação de segmentar o setor, essas indústrias realizavam todo o processo.

Verifica-se então que todas essas empresas trilharam apenas um caminho, o da competição interna, se esqueceram ou não se atentaram para os competidores externos que se organizaram em arranjos produtivos. Em Jequié não houve o aparecimento de pequenas empresas em torno das empresas maiores para que acontecesse a segmentação do setor, ou seja, empresas menores que vendesse serviços e reduzisse o alto custo de produção e investimento das maiores.

As indústrias de confecções de Jequié, não produziram ou formataram um sistema de produção e comercialização dos seus produtos, reinou nesse período o individualismo em detrimento da cooperação. Talvez a mentalidade do empresariado local seja o principal fator de entrave para o desenvolvimento local.

4.7 A RESPONSABILIDADE PELO FRACASSO

A gestão familiar foi fator preponderante principal para o fracasso, principalmente das grandes fábricas de confecções de Jequié, a falta de preparação da segunda geração de gestores.

Por apresentar uma estrutura familiar, os filhos que sucederam os pais não estavam suficientemente preparados para aquele momento difícil que foi a década de 80, no início o empirismo deu certo, a falta de planejamento a longo prazo deu lugar à improvisação, porém o mercado também era desorganizado e a concorrência era praticamente imperceptível.

A partir de 1980, o número o setor se tornou competitivo, a oferta aumentou e os produtos não eram tão diferenciados. Com concorrentes, mais preparados, com estrutura menor e mais flexível, ficou difícil achar uma posição competitiva confortável dentro do setor para as empresas de Jequié.

As soluções para a administração das empresas foram domésticas, os filhos e noras assumiram mesmo sem estarem preparados para a situação, o lugar do patriarca.

Com muitos comandantes, as decisões se tornaram mais frágeis. Todas as empresas possuíam deficiências, quando não era no setor administrativo era no setor de produção, quando não no setor financeiro era no setor de criação.

Aconteceu muita ingerência de um setor sobre o outro, devido à gestão familiar que aconteciam nas empresas de Jequié.

Por tudo isto se confirmou o ditado pela sabedoria popular: “pai rico, filho nobre, neto pobre!

4.8 A FALTA DE PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO

A falta de planejamento a longo prazo deixou as escuras e sem saída o setor de confecções de Jequié na década de 1990, o sucesso conquistado no passado sem a necessidade de estratégias eficientes de competição, fez dos empresários vítimas fáceis das mudanças de comportamento do setor.

A falta do espírito cooperativista do setor e a carência de políticas públicas (Ex. incentivos fiscais, assistência técnica etc.), por parte da esfera governamental, que reduzisse a carga tributária referente à produção de roupas, bem como a redução dos valores que incidiam sob a forma de encargos sociais na crise do setor.

Existia mão de obra qualificada para enfrentar a concorrência, mas no segmento existia também a falta de recursos para investimentos em modernização tecnológica e aumento da produção.

Não existia estratégia organizada na época. Foram tentadas, já quando o processo de falência estava instalado no setor, algumas ações do Governo do Estado, Banco do Nordeste, Sebrae para desenvolver um Projeto de Modernização Tecnológica do Parque de Confecções, porém não houve resposta positiva dos empresários, pois havia necessidades de investimentos financeiros em equipamentos o que não foi realizado.

4.9 A RESPONSABILIDADE DO SINDICATO DA INDÚSTRIA DE CONFECÇÕES DE JEQUIÉ

Os empresários do setor de confecções que vivenciaram tanto a ascensão como o declínio do setor de confecções de Jequié, atribuem ao sindicalismo jequieense parte da responsabilidade pela falência das grandes empresas do setor.

A falta de entendimento entre patrões e empregados, contribuiu negativamente para a sobrevivência das indústrias de roupas de Jequié.

Para alguns entrevistados, a onda socialista da época influenciou as decisões tomadas pelos líderes sindicais. Para eles, alguns buscavam na verdade direcionar o movimento, que contava com mais de 3.000 associados, apenas para conquistar espaço político partidário.

Por isso conduziam seus companheiros para não aceitarem um piso salarial mais próximo da realidade que vivia as indústrias de roupas de Jequié.

Por outro lado, os empresários não demonstraram habilidade necessária para fazer seus empregados enxergarem as dificuldades pelas quais atravessavam o setor.

A capacidade de sentar à mesa de negociação, desarmados de preconceitos e de forma amistosa conduzir o processo, ainda não fazia parte da cultura de alguns dirigentes empresariais.

O resultado desse embate gerou uma greve que trouxe conseqüências importantes para o setor de confecções de Jequié, sem acordo, a justiça julgou favorável aos empregados, que conseguiram elevar seus pisos salariais acima daqueles que as indústrias alegaram que podiam pagar.

Esse fato, na visão empresarial local, foi um obstáculo significativo para as que as indústrias de confecções de Jequié se tornassem menos competitivas, e conseqüentemente uma contribuição a mais para o declínio do setor, que já acumulava baixa lucratividade, perda de mercados, endividamento com fornecedores.

4.10 O ENIGMA DO PÓLO DE CONFECÇÕES DE JEQUIÉ

Nada poderia avaliar a vocação de Jequié para o segmento de confecções, uma vez que situado fora do eixo fornecedor/consumidor teria fatalmente o seu custo onerado pelos fretes de importação e exportação.

A localização da cidade de Jequié, uma vez que estando às margens da BR-116, tendo Feira de Santana ao norte e Vitória da Conquista ao sul e articulada no passado com o recôncavo e com Salvador, através da Estrada de Ferro Nazaré/Salvador (EFN), tenha sido o principal responsável.

Assim sendo, a posição geográfica de Jequié e sua interligação com outros centros, transformou a cidade em um entreposto distribuidor e ponto de escoamento de uma vasta região do sertão baiano.

Com o fechamento da EFN na década de sessenta, a região e principalmente Jequié, perdeu vínculo direto e exclusivo com a área mais dinâmica do Estado. A conexão de Jequié e região até o Porto de São Roque do Paraguaçu e o Porto de Salvador via Companhia de Navegação Baiana foi interrompida, provocando severas conseqüências na dinâmica do crescimento econômico regional.

Mesmo diante das dificuldades enfrentadas com o fechamento da EFN, as indústrias de confecções de Jequié continuaram competitivas – é o que afirma um dos entrevistados na pesquisa, Arlécio Oliveira⁷:

Mesmo adquirindo matéria prima dos estados do sul e vendendo o produto acabado não só para aquela região como para todo o país, ainda assim as mercadorias aqui produzidas tinham grande aceitação e competiam em igualdade de condições com aquelas produzidas em centros mais especializados (informação verbal).

Os principais aspectos que se destacam quando é analisado a situação do mercado naquela época: O salário mínimo, que sendo regional proporcionava um diferencial competitivo; e a qualidade dos produtos confeccionados pelas indústrias de confecções de Jequié.

⁷ Arlécio Oliveira – pertence a segunda geração da indústria de confecções Estrela, ele é filho do fundador da empresa. Em 1972, Arlécio Oliveira atuou no processo produtivo da empresa do seu pai, durante esse processo rotativo conheceu todas as etapas da produção. Entrevista concedida ao autor da pesquisa, em 2006.

O custo da mão-de-obra menor e a preocupação com a qualidade são fatores considerados relevantes e que ajudaram impulsionar o segmento a patamares elevados de reconhecimento estadual e nacional. Com isso foi se formando um contingente de mão de obra-qualificada que respondeu positivamente as necessidades de crescimento do setor.

Apesar do setor de confecções de Jequié ter gerado emprego formal e direto durante o seu ciclo de desenvolvimento, a idéia de pólo de desenvolvimento a partir desse segmento fica bastante fragilizada, diante do contexto apresentado.

A ação de um pólo de desenvolvimento pressupõe a atração de investimentos para um dado local, geralmente criando ou reforçando aglomerações de empresas. À medida que essas empresas exportam para outras regiões, reforçam o próprio pólo de desenvolvimento.

Conseqüentemente a elevação de renda atraem pessoas e induzem investimentos públicos em infra-estrutura, assim mais empresas são atraídas, principalmente no setor de serviços, para atender a crescente demanda produtiva, pessoal e pública dessa região e de regiões anexas. Isso não ocorreu.

5 CONCLUSÃO

Este estudo objetivou identificar os principais fatores que contribuíram para o fracasso do “Pólo de Confeccões de Jequié”. Diante da complexidade dos fatos que potencializaram a crise do setor, foi dedicada atenção especial àqueles que demandam principalmente do comportamento e das atitudes dos atores locais.

O surgimento das indústrias de confeccões deu início ao processo de industrialização em Jequié nas décadas de 1960/70, ainda na primeira metade de 1970 implantou-se o Distrito Industrial de Jequié. Esse fato parecia ter definido a cidade de Jequié como um Pólo de desenvolvimento a partir da indústria de confeccões.

No entanto, essa expectativa não se confirmou duas décadas depois, principalmente com a falência de algumas das principais fábricas de roupas locais. Empresas estas que foram as principais responsáveis pelo destaque da cidade de Jequié no cenário estadual e nacional na produção de roupas de jeans e de brim.

Verifica-se, portanto, que a política de aglomeração traçada pelo governo estadual de reunir as indústrias de confeccões no Distrito Industrial e fomentar um arranjo produtivo capitaneado por esse segmento, não obteve êxito. Apenas duas fábricas de roupas se instalaram naquele local e as duas fecharam suas portas em decorrência da crise do setor.

A indústria de confeccões local surgiu como uma alternativa capaz de amenizar os efeitos provocados pelo fechamento da Estrada de Ferro Jequié/Nazaré (EFN). Com a desativação desta ferrovia, a cidade de Jequié, bem como a região de sua influencia, perdeu o vínculo direto com a área mais dinâmica do estado.

A expansão e melhoria da malha rodoviária do estado também provocou severas conseqüências na dinâmica do crescimento econômico de Jequié e sua região polarizada, pois outras cidades centrais passaram a exercer força de atração maior em áreas que anteriormente recebia apenas influencia de Jequié.

Conseqüentemente, esse fato afetou consideravelmente o comercio local e a demanda pelos serviços oferecidos por Jequié à região de sua influencia. Assim, a necessidade de desenvolver a indústria de confeccões como mola propulsora do desenvolvimento local e regional se tornou mais latente.

O reconhecimento do município como um pólo de confecções, na década de setenta, foi evidenciado principalmente por estar localizada no sem-árido, região economicamente subdesenvolvida e com renda *per capita* bem abaixo das demais. Este ramo de atividade foi copiado por outras regiões do estado e até do país como uma forma de promoção ao desenvolvimento.

No entanto, a partir dos anos 80, o setor de confecções de Jequié começa a entrar em crise, decorrente de muitos fatores tais como:

- Alto custo da matéria-prima;
- Elevação dos custos financeiros;
- A perda do poder aquisitivo da população;
- A falta de capital de giro para custear a produção das empresas;
- A não segmentação do setor através de um arranjo produtivo local;
- Equiparação do salário mínimo com as outras regiões do país;
- Ausência de política tributária e previdenciária que desonerasse a produção e reduzisse os custos com encargos sociais;
- Abertura do mercado para produtos importados com redução de tributos;
- A falta de pensamento cooperativo entre os empresários locais;
- Graves problemas gerenciais decorrentes da gestão familiar.

Além desses, outros fatores podem ter contribuído com a crise que se instalou no setor de confecções de Jequié a partir da década de 1980, no entanto, esse trabalho procurou se dedicar mais aos fatores endógenos, por considerar o comportamento e a mentalidade do empresariado local, ingrediente imprescindível ao desenvolvimento local sustentado.

Observando o comportamento do empresariado local sob o prisma do associativismo, verifica-se a prevalência da ação individual, movida pelo egoísmo, sobre a ação coletiva. Este fato é testemunhado por um dos ex-dirigentes da Associação das Indústrias de Roupas de Jequié (AIRJ).

A AIRJ foi criada para defender os interesses do segmento, principalmente nas incursões frente ao poder público estadual quando a crise já ameaçava a saúde financeira do setor. Mesmo assim os empresários do setor pouca atenção dedicaram a este órgão. Buscavam sempre as ações políticas isoladas em detrimento daquelas coletivas. Vale salientar que essa entidade era representada pelas grandes fábricas.

A característica marcante das principais fábricas de roupas de Jequié sempre foi o individualismo. As fábricas, consideradas grandes, não desenvolveram

oportunidades para as fabricas menores, ao contrário impunham o poder do capital para investimento para inviabilizar a sobrevivência das menores.

Esse comportamento era motivado também pelo alto custo de produção, principalmente para o acabamento especial através das lavagens em máquinas industriais apropriadas, portanto caras, logo as pequenas empresas não conseguiam competir com as maiores. Desse modo apenas as maiores empresas dominavam toda a produção e mantinham afastados da competição as fabricas menores.

Inicialmente esta estratégia de executar todos os processos para a fabricação de roupas de jeans e brim deu certo. Houve muito investimento em máquinas e contratação de pessoal, bem como na qualificação da mão de obra. No entanto essa estratégia se revelou em um ponto muito vulnerável quando veio a crise.

O pólo de confecções de Jequié concentrava sua produção basicamente em cinco ou seis empresas de grande porte, produzindo praticamente os mesmos artigos, competido entre si sem haver em contrapartida uma maior cooperação, que fortalecessem o setor diante dos problemas enfrentados.

Este processo não permitiu a gravitação de pequenas empresas em torno das maiores, fracionando a produção, terceirizando e vendendo serviços especializados. Como aconteceu em outros estados como São Paulo, Ceará e Goiânia.

Os empresários do setor não se prepararam para enfrentar a dinâmica das transformações econômicas impostas pelo mercado cada vez mais globalizado, com maior abertura para os produtos importados.

As empresas se tornaram elefantes diante da agilidade empresarial exigida para atender as mudanças estruturais e os avanços tecnológicos, dentre eles estava à utilização de tecidos sintéticos derivados do petróleo em substituição aos oriundos do algodão que aumentava consideravelmente os custos de produção.

Não houve preocupação em criar um centro tecnológico ou cursos universitários que formassem profissionais voltados para o mundo da moda, produzindo conhecimento capaz de criar e desenvolver processos e técnicas mais eficientes, não só na produção, mais também nas outras etapas de criação e comercialização.

Enquanto as indústrias de confecções de Jequié se estagnavam, outros centros passaram mais rápido do processo de pedidos para o processo de pronta entrega, melhorando consideravelmente o fluxo de caixa de suas empresas, através da dinâmica com que o capital passou a ser movimentado.

Ainda assim, mesmo tendo a necessidade de integrar o setor, não houve um arranjo produtivo que inserisse as pequenas e micro empresas no processo de sustentabilidade do setor, flexibilizando e segmentando a produção em busca da especialização.

Não foi desenvolvida uma cadeia produtiva para o setor de confecções de Jequié, principalmente porque toda a matéria prima era importada do sul do país para onde era destinada a maior parte da produção das fábricas de Jequié.

A carga fiscal, a política trabalhista vigente, a equiparação do salário mínimo com a região sul, inviabilizou não só o aparecimento de novos investimentos, mas também a impossibilidade daqueles existentes melhorarem tecnologicamente o parque industrial ultrapassado.

Alem disso os encargos sociais deixaram esse setor bem vulnerável, uma vez que o segmento de confecções é altamente absorvedor de mão de obra.

Quando se busca um responsável pelo fracasso, verifica-se que apesar da complexidade dos fatos, *houve negligência dos poderes públicos*, porém o contexto sócio cultural da região não foi favorável ao desenvolvimento local, segundo exemplos observados em outras localidades.

As grandes empresas de confecções de Jequié conseguiram alcançar mercados em outros estados brasileiros e até mesmo em outros países, porém não se prepararam para as mudanças externas que já estavam acontecendo em outras regiões. Por isso o sucesso do passado não garantiu a mesma capacidade de competição na década de 1990.

Neste aspecto os empresários de Jequié não se preocuparam com o planejamento estratégico nem tão pouco com os cenários futuros. Quando se depararam com a crise já instalada, se tornou difícil concorrer com estruturas mais ágeis e flexíveis.

Diante da realidade do mercado competitivo, a principal vantagem competitiva da indústria de roupas de Jequié, que era essencialmente a mão-de-obra mais barata, deixou de ser o grande diferencial na composição dos custos. Com a redução na lucratividade ficou muito difícil manter o custeio com a produção e renovar o parque fabril.

O investimento em equipamentos modernos utilizando tecnologia de ponta não aconteceu. Os empresários apontam para a falta de capital que permitisse realizar estas aquisições, por outro lado não se percebe uma preocupação por parte

dos empresários com a gestão voltada para a empresa e sim para suas conquistas pessoais, deixando de investir os resultados obtidos com a empresa, durante os períodos de bonança, na própria empresa.

Considerando os conceitos advindos da idéia de desenvolvimento local observa-se que este apresenta muitas características particulares e suas conseqüências devem promover melhorias significantes nas condições de vida da comunidade.

O desenvolvimento endógeno precisa ser visto como um processo de crescimento econômico e de mudança estrutural, liderado pela comunidade local ao utilizar seu potencial de desenvolvimento, que leva à melhoria de vida da população.

A maneira com ocorreu o crescimento econômico do setor de confecções em Jequié, não configurou desenvolvimento endógeno, visto que a cultura disseminada durante o processo revelou o individualismo como o principal ingrediente da economia local.

A competitividade entre as indústrias locais, não permitiram que as mesmas cooperassem entre si em busca de um melhor posicionamento perante o mercado externo. As empresas de Jequié partiam individualmente para além das fronteiras regionais.

A melhoria das condições de vida foi significativa apenas para os proprietários das grandes empresas. A indústria de confecções se destacou pela alta demanda de mão de obra, principalmente do sexo feminino, no entanto não passou de um grande empregador.

Diante do exposto, *o desenvolvimento local a partir das indústrias de confecções de Jequié, se transformou mais em mito do que em realidade, apesar dos resultados econômicos positivos gerados por esse segmento naquela época.*

Afinal o desenvolvimento local pressupõe que as estruturas familiares e tradições locais, além dos valores sociais e culturais da população favoreçam a dinâmica do modelo industrial, aportando recursos humanos e financeiros, facilitando as relações trabalhistas e sociais. Essas condições contribuem para as trocas de bens e serviços formais e informais, bem como para a difusão de informações e conhecimentos via rede de empresas e de organizações locais.

Sob esta ótica do desenvolvimento endógeno, as formas de organização e o sistema de valores locais, devem conferir uma configuração flexível aos mercados

de trabalho, permitindo às firmas operarem com baixos custos de produção, e em particular com salários relativamente reduzidos.

Ainda sob o pressuposto das externalidades resultantes a partir do desenvolvimento local, verifica-se a disponibilidade de uma oferta de mão-de-obra suficientemente qualificada para realizar as tarefas previstas ajustável às necessidades das empresas, e o baixo nível de conflitos trabalhistas representam fatores que lhes asseguram vantagens comparativas.

Neste aspecto pode ser observado que o setor de confecções de Jequié dispunha de mão de obra qualificada capaz de produzir roupas obedecendo ao mais rígido padrão exigido pelo mercado consumidor. No entanto o alto nível de conflito trabalhista representou um fator negativo no enfrentamento da crise.

O desenvolvimento local não foi efetivado principalmente por não ter havido envolvimento de todos os segmentos da sociedade local. Faltou capacidade mobilizadora, principalmente dos agentes públicos, patrocinada pelo individualismo empresarial, para que todos os setores, como: governos; trabalhadores; agentes financiadores; universidades; e empresários pudessem promover juntos o desenvolvimento em torno das potencialidades do setor de confecções de Jequié.

Neste contexto de endógeno, as comunidades locais têm uma identidade própria que as levam a tomarem iniciativas visando assegurar o seu desenvolvimento. Quando conseguem fortalecer sua capacidade organizacional têm condições de evitar que as empresas e organizações externas limitem suas potencialidades de atuação. Mais que obter ganhos em termos econômicos, o objetivo é buscar o bem estar social e cultural da comunidade local em seu conjunto.

O sistema de comercialização adotado pelas empresas locais sempre foi a pré-venda através de representantes que cobriam áreas ou zonas determinadas. Assim ocorreu com as vendas no interior da Bahia e posteriormente com outros estados, terminando por alcançar todo o território nacional, desde o estado do Amazonas até o Rio Grande do Sul.

Esta forma de gestão, segundo alguns empresários do ramo, fragilizou financeiramente muito as fabricas de confecções, que precisavam de um capital de giro cada vez maior para custear a produção para só depois de algum tempo começar a receber dos grandes magazines.

A indústria de confecções de Jequié atualmente vem concentrando a sua produção no segmento de roupas íntimas e peças de malha. Enquanto que antes o

foco era a produção de roupas jeans e brim. Antes praticamente toda a produção se concentrava e cinco empresas, atualmente a produção é distribuída entre pequenas e micro empresas resultante do fechamento das maiores.

Atualmente Jequié se destaca como cidade prestadora de serviços, principalmente na área de educação e saúde. A sua localização centralizada pode ser considerada uma vantagem comparativa, que poderá ser transformada em vantagem competitiva principalmente para o setor de educação. A cidade de Jequié tem potencial regional para se transformar em uma cidade universitária.

As considerações elaboradas a respeito da indústria de confecções de Jequié não se esgotam com este estudo, ao contrario, apenas iniciam a discussão, que pode continuar em novos trabalhos, com intuito de enriquecer a análise sobre esse segmento e sua contribuição para a economia local. Assim com contribuir para a elaboração de trabalhos que visem conhecer a mentalidade do empresariado local e sua relação com o desenvolvimento endógeno.

REFERÊNCIAS

AMARAL FILHO, Jair do. Desenvolvimento regional endógeno: (re)construção de um conceito, reformulação de estratégias alternativas (à guerra fiscal). In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 23., 1995, Salvador. **Anais...** Salvador: Anpec, 1995.

ARAÚJO, Emerson P. **História de Jequié**. Salvador: Empresa Oficial da Bahia, 1971.

AZEVEDO, Thales. **Italianos na Bahia e outros temas**. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1989.

BAHIA EXPORT. **A importância do setor têxtil para a economia brasileira**. Disponível em: <<http://www.bahiaexport.com.br/port/madein/textil.asp>>. Acesso em: 15 set. 2006.

BAHIA. Secretaria da Fazenda. **Empresas em atividade no ramo têxtil**. Salvador: Sefaz, 2005. Disponível em: <<http://www.sefaz.ba.gov.br>>. Acesso em: 14 set. 2006.

BAHIA. Secretaria da Indústria e Comércio. **Distrito industrial de Jequié**: plano diretor. Salvador: [s.n.], 1974.

BOISIER, Sérgio. Política econômica, organização e desenvolvimento regional. In: HADDAD, P. R. (Org.). **Economia regional**: teorias e métodos de análise. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1989. p. 589-687.

BORBA, Robinson Antonio Vieira. **A cidade cognitiva**: proposição para o desenvolvimento local na era do conhecimento. 2000. 252 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

BROSE, M. **Florescendo a democracia e o desenvolvimento local**: 103 experiências inovadoras no meio rural gaúcho. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2000.

BUARQUE, Sérgio C. **Metodologia de planejamento do desenvolvimento local e municipal sustentável**. Brasília: IICA, 1999. Disponível em: <<http://www.iica.org.br>>. Acesso em: 8 jul. 2006.

_____. **Metodologia de planejamento do desenvolvimento sustentável**. Recife: IICA, 2001.

DERBA. **Mapa da malha rodoviária do Estado da Bahia**. Salvador: DERBA, 2001.

_____. **Distâncias das principais cidades**. Salvador: DERBA, 2008.

DOWBOR, Ladislau. **Reprodução social**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **O que é poder local**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DA BAHIA - FIEB. **Perfil da indústria têxtil e do vestuário no Estado da Bahia**. Salvador: FIEB, 1983.

FERREIRA, Carlos Maurício de C. Espaço, regiões e economia regional. In: Haddad, Paulo Roberto (Org.). **Economia regional: teoria e métodos de análise**. Fortaleza: BNB; Etene, 1989.

FIGUEIREDO, P. C. N. de. O Triângulo de Sábato e as alternativas brasileiras de inovação tecnológica. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, p. 84-97, jun./set. 1993.

FILION, L. J. Visão e relações: elementos para um metamodelo da atividade empreendedora. **RAE Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 33, n. 6, p. 50-61, nov./dez. 1993.

FURTADO, Celso. **Teoria e política do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

HIRSCHMAN, Albert. **Estratégias do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

_____. **De la economía a la política y mas alla**. México: Fondo de Cultura Económica, 1984.

IBGE. **Censo demográfico brasileiro**. Apresenta informações sobre a população brasileira, dados estatísticos e outros. Disponível em: <<http://www.ibge.org>>. Acesso em: 14 set. 2008.

LOPES, Roberto Paulo Machado. **Universidade pública e desenvolvimento local: uma abordagem a partir dos gastos da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia**. Vitória da Conquista: UESB, 2003.

MARCELO, Valter Luiz dos Santos. **A reestruturação urbano-regional de Jequié-Bahia**. 2002. 131f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Bahia - UFBA, Salvador, 2002.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

MOURA, Maria Suzana et al. Gestão do desenvolvimento local, tempos e ritmos de construção: o que sinalizam às práticas. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 4, jul./ago. 2000.

_____; MEIRA, Ludmila. A gestão do desenvolvimento local: estratégias e possibilidades de financiamento. **Revista Organizações & Sociedade**, Salvador, v. S, n. 12, maio/ago. 1998.

_____; _____. Impactos de organizações cooperativas sobre o desenvolvimento local: o caso da ostreicultura comunitária em Ponta dos Mangues/SE. In: EnANPAD, 27., 2003, Atibaia. **Anais...** Atibaia: [s.n], 2003.

PERFIL da indústria de confecções na Bahia. [Salvador]: [s.n], 1995. 41 p.

PINHEIRO, José M. **Industrialização baiana**: o programa de distritos industriais do interior. 1991. 109 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, 1991.

PORTER, Michael. **Competição**: estratégias competitivas essenciais. São Paulo: Elsevier, 1999.

PROJETO de análise da indústria do vestuário da Bahia: 2ª fase - análise e diagnóstico do mercado baiano e de outras regiões. S.I.: SMC Consultoria, 1992.

PROJETO de análise da indústria do vestuário da Bahia: 3ª fase - estratégias, questões críticas e recomendações para o setor. S.I.: SMC Consultoria, 1995.

RICHARDSON, H. **Elementos de economia regional**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

SANTOS, Milton. A cidade de Jequié e sua região. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 71-112, 1956.

SCHUMPETER, J. A. **A teoria do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Nova Cultura, 1985.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DA BAHIA – SEBRAE-BA. **Jequié**: perfil empresarial. Jequié: Sebrae, 2005.

_____. **A indústria têxtil na Bahia**. Disponível em: <<http://www2.ba.sebrae.com.br/arranjosprodutivos/>>. Acesso em: 15 set. 2006.

SILVA, J. Moreira da. **A administração estratégica e a visão empreendedorial no processo de crescimento e desenvolvimento industrial**: um estudo de caso.

1995. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, 1995. a

_____. **Consultoria e gestão de centros de oportunidades de negócios.** Vitória da Conquista: Mineo, 1995. 1 disquete. b

_____. **Da economia material à economia informacional:** novos desafios para a administração. Vitória da Conquista: UESB, 1996.

SILVA, Silvio Bandeira de Mello. O problema regional brasileiro: velhas e novas questões. **Revista de Desenvolvimento Econômico – RDE**, Salvador, v. 4, n. 6, p. 5-11, jul. 2002.

SPINOLA, Noélio Danstalé. **Política de localização industrial e desenvolvimento regional:** a experiência da Bahia. Salvador: Fapesb; SECTI, 2003.

SUPERINTENDÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL E COMERCIAL - SUDIC. **Relatório das atividades e órgãos localizados no DIJEQ:** Distrito Industrial de Jequié. Jequié: SUDIC, 2000.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução a pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação: o positivismo, a fenomenologia, o marxismo. São Paulo: Atlas, 1995.

TROSTER, Roberto Luis; MOCHON MORCILLO, Francisco. **Introdução à economia.** São Paulo: Makron Books; Pearson Education do Brasil, 2006.

VASQUEZ BARQUERO, Antonio. **Desenvolvimento endógeno em tempos de globalização.** Porto Alegre: UFRGS, 2002.

VEIGA, J. E. da. A face territorial do desenvolvimento. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 27., 1999, Belém. **Anais...** Belém: Anpec, 1999. p. 1301-1318.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 5.ed. São Paulo: Atlas, 2004.

YIN, Robert K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICE A - ROTEIRO PARA ENTREVISTA

- 1. Como foi o início da implantação do Pólo de confecções de Jequié?**
- 2. Porque o pólo de confecções de Jequié não deu certo?**
- 3. Quais os principais segmentos e mercados consumidores atendidos com as confecções de Jequié?**
- 4. Quais os fatores que contribuíram para o declínio do pólo de confecções de Jequié?**
- 5. A quem deve ser atribuída à responsabilidade pelo fracasso?**
- 6. Os empresários do ramo de confecções de Jequié estavam atentos e preparados para enfrentar outros concorrentes?**
- 7. As indústrias de confecções de Jequié se preocuparam com planejamento estratégico?**
- 8. Quais as ações que foram desenvolvidas para na tentativa de evitar o declínio do setor?**
- 9. Qual a importância do associativismo e do cooperativismo para a resolução dos problemas enfrentados pelas empresas locais?**
- 10. A comunidade de Jequié está preparada para utilizar o associativismo e o cooperativismo como estratégia para enfrentar os grandes mercados?**
- 11. Faltou participação dos segmentos políticos e financeiros?**
- 12. Existia preocupação com a qualificação da mão-de-obra e aquisição de máquinas mais produtivas e eficientes?**
- 13. O setor de confecções de Jequié procurou produzir apenas em grande escala, ou procurou diferenciar seus produtos dos outros fabricantes para agregar valor?**
- 14. Qual foi a preocupação com a criação e fortalecimento das marcas?**
- 15. As fabricas de roupas de Jequié produziam apenas roupas ou produziam moda também?**

APÊNDICE B - ENTREVISTA SOBRE O PÓLO DE CONFECÇÕES DE JEQUIÉ

Entrevistado: Manoel Davi Souza Couto

Davi, como é conhecido, é técnico em contabilidade, foi contratado em 1975, pela Indústria de Roupas Saci Perêrê, membro da associação das indústrias de roupas de Jequié, em 1993 se tornou sócio da Indústria de Roupas Saci Perêrê, depois do pedido de concordata da empresa, constituiu a Danefa, fábrica de blusas de malhas.

Segundo Davi, tudo começou em 1958 os irmãos Arismar e Arlécio Oliveira atuavam no ramo de armarinho, contudo a esposa de Arismar Oliveira costurava em casa shorts para criança que eram vendidos no armarinho e também em feiras livres, a procura pelos produtos aguçou a necessidade de produzir mais.

Em março de 1963 surgiu a primeira indústria de roupas de Jequié – a indústria de roupas Saci Perêrê – em nome de Arismar Oliveira, nesse mesmo período Arlécio Oliveira constituiu outra indústria de roupas denominada Estrela.

No final de 1963, Jequié já possuía cerca de dez empresas que fabricavam roupas. As indústrias de Jequié alcançaram vários mercados no Brasil. As indústrias de roupas de Jequié comercializam seus produtos através de seus representantes em todos os estados da federação. As fábricas só produziam sob encomenda, ou seja, os clientes faziam seus pedidos através dos representantes das indústrias, que começavam a programar a produção a partir da chegada dos pedidos.

Jequié ficou conhecido em todo Brasil, através da sua indústria de confecções, em todos os estados brasileiros haviam representantes das empresas de Jequié.

Na década de 70 as indústrias de roupas de Jequié atingiram seu apogeu. As fábricas continuavam a produzir apenas por encomenda. A qualidade, o preço e a rapidez na entrega das encomendas, foram os principais diferenciais da indústria de confecções de Jequié.

A principal vantagem competitiva da indústria de confecções de Jequié, era o baixo custo da mão de obra em relação aos concorrentes do sul do país. Como o Brasil possuía três faixas de salários mínimos, sendo os praticados no nordeste o menor. Apesar da localização do município de Jequié em relação aos fornecedores de matéria prima. As empresas de Jequié compravam matéria prima no sul do país e vendiam os produtos acabados com preço menor do que os fabricados no sul.

No entanto o crescimento do setor se deu de maneira desordenada, ou seja, sem planejamento, tão pouco houve preocupação em desenvolver estratégias visando a sustentabilidade da indústria de roupas de Jequié a longo prazo.

Todas as empresas de confecções de Jequié nasceram como um negócio de família, a gestão familiar não permitiu a profissionalização do alto escalão da administração, onde as decisões mais importantes para o futuro da empresa deveriam ser tomadas, os investimentos necessários em máquinas e tecnologia deixaram de ser feitos em detrimento de outros particulares.

A partir de 1976, a equiparação de salários no Brasil, colocou o primeiro obstáculo à pujança do crescimento do Pólo de Confecções de Jequié, aumentando consideravelmente os custos de produção das empresas. Não bastasse, o estado do Ceará começou também a competir no mercado, devido aos incentivos proporcionados pelo Governo do estado. As indústrias de Jequié, além de terem perdido espaço com a entrada de um novo competidor, perderam também um importante mercado consumidor que era o cearense.

As indústrias de roupas do Ceará receberam incentivos fiscais do governo do Estado do Ceará, adquiriram equipamentos modernos propiciando mais produtividade e conseqüentemente custos menores, além da utilização do marketing promovido pelo próprio governo do Ceará.

Minas Gerais apesar de não ser considerado um grande mercado consumidor das roupas produzidas no município de Jequié, também implementou sua produção através da participação institucional daquele governo.

No início dos anos 80, as empresas de Jequié, já possuíam um grande passivo em impostos atrasados e fornecedores. A partir desse momento os empresários começaram a se organizar em associação, na tentativa de reivindicarem melhor tratamento fiscal junto ao governo do estado da Bahia.

Através de uma comissão organizada pelo Governo do Estado, os empresários de Jequié visitaram o parque fabril Cearense e observaram *in loco* o que estava acontecendo em termos de máquinas e tecnologia, bem como a participação ativa do governo daquele estado para alavancar a sua indústria de roupas.

Os empresários do setor de confecções de Jequié reivindicaram principalmente a redução nas alíquotas de ICMS para a matéria prima, como também a atração de fornecedores de matéria prima para o setor, vislumbrando com isso a possibilidade de redução dos custos. Além disso, era necessário negociar os impostos estaduais atrasados e criar uma linha de crédito com taxas de juros especiais para o setor para capital de giro e também aquisição de máquinas com alta produtividade, com o objetivo de modernizar o parque fabril de Jequié e equiparar com os parques industriais dos outros estados.

A partir de 1985 os funcionários do setor têxtil, organizados através dos sindicatos, exigiram piso salarial maior do que estava sendo praticado, greves e paralisações forçaram os empresários a negociarem condições salariais que agravaram mais a ainda a situação do setor têxtil de Jequié.

Os principais clientes das indústrias de Jequié eram os grandes magazines, tais como: Mesbla, Anglo Brasileira, C&A, etc. A maior parte da produção de roupas fabricadas pelas grandes empresas de Jequié se destina às grandes e poucos clientes, logo o poder de barganha das indústrias foi ficando cada vez mais reduzido. Mais de 50% do faturamento das indústrias têxteis de Jequié era resultado das vendas realizadas às esses grandes magazines.

Essa dependência contribuiu para o pedido de concordata de uma das maiores fábricas de roupas de Jequié, a Estrela, que recebeu um pedido enorme das lojas Mesbla, adquiriu toda a matéria prima à prazo, contratou mão-de-obra extra para conseguir cumprir o contrato, porém quando todas as peças estavam prontas para a entrega, o cliente pediu falência e não honrou com o compromisso. A fábrica ficou com um enorme estoque de roupas prontas, produzidas sob encomenda, devendo aos fornecedores de matéria prima e aos funcionários. Diante disso a Indústria de roupas Estrela, pediu falência e deixou de fabricar roupas, deixando sem emprego quase 500 funcionários.

Para Davi, a antiga Injer, atualmente Lebrut, se capitalizou durante o período de vacas gordas e investiu em pontos de vendas próprios em seguida para vender a marca própria conquistar um novo nicho de mercado através de marketing e fortalecimento de suas marcas para fidelizar clientes, agregar valor ao seu produto e compensar a sazonalidade do setor quando não está trabalhando para entregar os pedidos.

Segundo Davi, o proprietário da Lebrut, por ser um representante e conhecer muito os mercados fora do estado, percebeu a tendência da época das roupas de lycra, ao invés de se concentrar apenas nas calças jeans, começou a fabricar calças de lycra, percebendo a falta de matéria prima e o aumento da inflação, estocou muita matéria prima e quando essa moda se tornou coqueluche, faltou matéria prima principalmente para as pequenas indústrias.

Poucos tinham matéria prima para produzir calças com lycra, logo a Lebrut conquistou um outro público, principalmente o feminino. Quando essa febre passou a empresa já começava investir parte desse capital em pontos comerciais, principalmente em Salvador e outros estados, trabalhando com marca própria e modelos que agradam a juventude, transferiu sua atenção para a comercialização de roupas prontas e não mais apenas sob encomenda.

APÊNDICE C - ENTREVISTA SOBRE O PÓLO DE CONFECÇÕES DE JEQUIÉ

Entrevistado: Arlécio Oliveira (Cito)

Arlécio, pertence a segunda geração da indústria de confecções Estrela, ele é filho do fundador da empresa. Em 1972, Arlécio Oliveira atuou no processo produtivo da empresa do seu pai, durante esse processo rotativo conheceu todas as etapas da produção.

Em 1974 iniciou o curso de administração na Ucsal, no último semestre abandonou o curso.

Em 1982 retornou para a empresa de seu pai onde assumiu a gerência financeira, depois a gerência administrativa, a partir de 1984 assumiu a gerência de produção, onde ficou durante 03 anos, seu perfil sempre foi voltado para atividades de chão de fábrica, além disso, anteriormente já havia assumido o setor de produção de uma fábrica de produtos químicos.

Arlécio permaneceu na função de gerente de produção até 1991, quando se afastou da Estrela e se dedicou à empresa (Luana Baby) de sua esposa que já havia sido criada desde 1983.

Em 1957 Os irmãos Oliveira (Arismar e Arlécio) eram fotógrafos vindos da cidade de Amargosa, começaram a vender produtos de armarinho na feira livre, cada um na sua barraca. Arlécio por sua vez também montou um armarinho no centro da cidade e no sótão sua esposa utilizando uma máquina de costura doméstica começou a costurar roupas apropriadas ao estilo que os fazendeiros da região usavam na época. Inicialmente esses conjuntos eram vendidos nas barracas dos irmãos oliveira e no armarinho de Arlécio, em seguida outros estabelecimentos como as casas amazonas e lojas do sul, também começaram a comercializar esses trajes produzidos pela esposa de Arlécio.

Nessa mesma direção a família de Arismar começou a produzir shorts para criança, que inicialmente eram comercializadas na feira e no armarinho.

A procura por estes produtos fabricados artesanalmente pela família de Arlécio e Arismar teve excelente aceitação e com o aumento da procura, essas fábricas de fundo de quintal deram origem a Estrela e a Saci Perê. A fábrica da Estrela se especializou em Jeans e a Saci Perê em roupa infantil.

As roupas produzidas pela estrela e pela Saci Perê começaram a ganhar outros Estados através do sr. Edward, que era representante comercial de tecidos e outros produtos comercializados em armarinho. Edward enxergou a oportunidade de buscar outros mercados além do regional. Assim depois de uma década, as roupas produzidas em Jequié ganhava destaque no cenário nacional, ultrapassado as fronteiras do Estado da Bahia e atingido também outros países. Em pouco tempo a cidade de Jequié já contava com mais de 10 indústrias de roupas, inclusive a Bremer que junto com a Estrela se tornou as maiores de Jequié.

O pioneirismo, Jequié saiu na frente de outras regiões, não existiam concorrentes neste setor, as outras regiões não produziam roupas industrialmente e principalmente com a qualidade daquelas fabricadas em Jequié. O crescimento econômico da década de 70 também ajudou tudo que era produzido pelas fábricas de Jequié era vendido.

Os pedidos chegavam através dos representantes espalhados em todo país, as indústrias fabricavam, primando sempre pela qualidade e agilidade na entrega, obedecendo aos prazos estabelecidos.

As fábricas de roupas de Jequié, nos tempos áureos chegaram a gerar mais de 3.000 empregos diretos com carteira assinada, somente a estrela empregava cerca de 500 pessoas.

As indústrias de Jequié se tornaram modelos para a Bahia e para o Brasil, muitas excursões promovidas pelo governo do Estado da Bahia, tinham com destino o município de Jequié, o propósito

era verificar o que experiências empreendidas em pelos empresários jequienses, pois o setor de roupas de Jequié havia conquistado destaque no cenário nacional.

A posição de destaque conquistada pelas indústrias de Jequié, atraiu outros concorrentes para o setor. Outras regiões começaram a se espelhar no exemplo de Jequié e a investir também em fabricação de roupas. Surgiram outros pólos de confecções no Brasil, principalmente no Ceará e Minas Gerais, além de outros municípios baianos como Salvador, Feira de Santana, Vitória da Conquista dentre outros.

O setor de confecções de Jequié nasceu e cresceu sustentado pela ausência de concorrência no setor, além do milagre econômico brasileiro que facilitou o consumo de tudo o que era produzido, ou seja, não havia barreiras à frente a serem ultrapassadas.

O surgimento de concorrentes mais preparados, ou seja, estruturados, já conhecendo os pontos fracos da indústria de Jequié, buscaram outras vantagens competitivas que as fábricas de Jequié não estavam preparadas para atingir.

O mercado ficou reduzido, as indústrias de Jequié continuaram grandes, produzindo e comercializando do mesmo jeito que fazia antes, não estavam preparados para aquela contingência.

Como estratégia para se manterem no mercado produzindo em larga escala, as grandes indústrias de confecções de Jequié começaram a vender seus produtos aos grandes magazines. Como ficou preso a poucos e poderosos clientes, o poder de negociação ficou ainda mais reduzido, quase tudo que se produzia era destinado aos grandes magazines. As roupas saíam da fábrica com a etiqueta do cliente, que tinha o poder de não comprar imediatamente toda a quantidade estipulada no pedido, à crise econômica dos anos 80 era a principal alegação desses magazines.

Muitas vezes as fábricas tinham que ficar com boa parte da produção encomendada devido o cancelamento de parte do pedido. Numa dessas, a Estrela produziu mais de 10 mil peças para a Mesbla que cancelou o pedido por ter falido e a estrela quebrou junto.

Outro fator importante para quebra de grandes empresas do ramo de confecções de Jequié, foi a falta de acordo com o sindicato dos trabalhadores do setor. Devido ao grande número de funcionários do setor de confecções, o sindicalismo em Jequié se fortaleceu, apoiado pelas idéias socialistas e pela falta de habilidades dos patrões, sem contar com a falta de sensibilidade dos dirigentes sindicais que enxergavam naquela categoria uma base importante para a ascensão política, não houve acordo. Aconteceu a primeira greve em Jequié, a justiça do trabalho deu ganho de causa aos trabalhadores, os empresários tiveram que aceitar as condições impostas pelo sindicato que exigia um piso muito além daquele que as empresas poderiam pagar, principalmente naquele momento crítico em que se encontravam as indústrias de confecções de Jequié.

A partir de 1987 todas as empresas do setor acabaram quebrando. O fator principal que resultou no fracasso, principalmente das grandes fábricas de confecções de Jequié, foi à falta de preparação da segunda geração dos gestores dessas empresas. Por apresentar uma estrutura familiar, os filhos que sucederam os pais não estavam suficientemente preparados para aquele momento difícil que foi a década de 80, no início o empirismo deu certo, que a falta de planejamento a longo prazo, deu lugar a improvisação, porém o mercado também era desorganizado e a concorrência era praticamente imperceptível. Agora o número de concorrentes era maior, a oferta aumentou e os produtos não eram tão diferenciado. Com o aumento do número de concorrentes aumentado, mais preparados, com estrutura menor e mais flexível, ficou difícil achar uma posição competitiva confortável dentro do setor para as empresas de Jequié.

As soluções buscadas foram às domésticas, os filhos e noras assumiram mesmo sem estarem preparados para a situação o lugar do patriarca. Com muitos comandos as decisões se tornaram mais frágeis. Todas as empresas de possuíam deficiências, quando não era no setor administrativo era no setor de produção, quando não no setor financeiro era no setor de criação. Aconteceu muita ingerência de um setor sobre o outro, devido à gestão familiar que acontecia nas empresas de Jequié.

O crescimento econômico do país regrediu, os concorrentes se multiplicaram, logo, o mercado encolheu para as fábricas de Jequié. Além de buscarem os grandes magazines como principais

clientes, as grandes fábricas de roupas de Jequié desenvolveram algumas marcas próprias que eram comercializadas para Jequié e região através de lojas próprias, essa estratégia conseguiu levar os produtos da fábrica para os consumidores da região.

Algumas indústrias tentaram sofisticar mais seus produtos, porém os custos aumentaram e as roupas ficaram mais caras, ou seja, o segmento para o qual as indústrias de Jequié fabricavam seus produtos não absorveu, diante disto era preciso buscar um novo posicionamento dentro do setor para competir. Era necessário investir em pontos e lojas próprias para fortalecer e trabalhar marcas próprias e fidelizar clientes, ou seja, as fábricas produziram determinadas marcas que seriam comercializadas por lojas próprias, roupas para pronta entrega, evitando a presença do distribuidor no processo comercial.

A Lebrut se preocupou com esse processo antes da crise se instalar, adquiriu vários pontos comerciais na Capital da Bahia, principalmente no Shopping Iguatemi, investiu em marca própria e entrou no segmento de roupas para pronta entrega, se posicionou na comercialização de roupas para jovens. A Lebrut mantém sua indústria para fabricar através de pedidos, como também para fabricar roupas de marcas próprias que serão comercializadas em lojas próprias para um determinado público.

Não houve arranjo produtivo, as grandes empresas se preocuparam apenas com os problemas individuais de cada uma, quando se debruçavam sobre os problemas globais, nas reuniões da associação, a preocupação maior era defender os interesses particulares de cada empresa, ao invés de pensar no todo.

O individualismo reinou em lugar do associativismo, as empresas estavam preocupadas em concorrer entre si do que organizarem o setor para que mesmo competindo entre si pudessem juntas se manterem no mercado.

Não adiantaria o governo do Estado, resolver os problemas já instalados, como: impostos atrasados, parque fabril defasado em relação a outros estados brasileiros, criar linhas de crédito mais baratas para capital de giro, pois a raiz maior do problema estava na forma de gestão. Os gestores acostumados com a bonança da década anterior, não estavam preparados psicologicamente e tão pouco profissionalmente para enfrentar as dificuldades atuais.

APÊNDICE D - ENTREVISTA SOBRE O PÓLO DE CONFECÇÕES DE JEQUIÉ

Entrevistado: Evandro Lopes (Sebrae – Jequié)

Tudo começou com pequenas fábricas de fundo de quintal por volta de 1964, os irmãos Arlécio Andrade de Oliveira e Arismar Andrade de Oliveira, oriundos da cidade de Amargosa-Ba, quando chegaram á Jequié montaram em suas próprias residências pequenos ateliês, começando assim um pequeno negócio na produção de roupas, que vai resultar na loja Estrela depois de algum tempo.

Neste mesmo período Joel Nogueira começa também fabricar roupas de forma semelhante aos irmãos Oliveira, mais tarde Nogueira cria a loja Bremer. Durante o período de pujança do negocio de confecções em Jequié várias fábricas de roupas surgiram na cidade, tais como: Estrela, Bremer, Lebrut, Lay & Loy, Saci Pererê, Gê&elle, Karokinho, Katicort, Xouvê, Êxodus, Auster, Yen, Danefa, dentre outras, poucas resistem até hoje, muitas fecharam suas portas, algumas fazem facção com grandes grifes como Mitchel, Planet, Fórum, por exemplo. O setor de confecções gerou na cidade de Jequié e região expectativas promissoras de um pólo de desenvolvimento que geraria empregos e distribuição de riquezas.

As grandes lojas de confecções de Jequié vendiam seus produtos para grandes redes de lojas varejistas como Mesbla e Mappin, suas marcas atingiram mercados consumidores de vários estados brasileiros, inclusive o de São Paulo. As fábricas de Jequié produziam roupas jeans, roupas íntimas, roupas infantis, blusas de malhas, de acordo com os pedidos previamente emitidos pelos compradores e a demanda do mercado local e regional.

PROBLEMAS ENCONTRADOS:

- Falta de reciclagem;
- Inovação e melhoramento no processo de corte para diminuir as perdas e reduzir custos;
- Investimento em máquinas modernas;
- Não acompanhou as mudanças do mercado consumidor;
- Utilizavam o processo de pedido e não de pronta entrega;
- Faltou o perfil do administrador moderno;
- Não havia financiamentos a juros acessíveis;
- Não havia incentivos governamentais;
- Tinham qualidade, porém não possuíam preços competitivos;
- Faltou inovação, criatividade, para produzir peças diferenciadas;
- Faltou produzir moda;
- Faltou visão empresarial – chão de fábrica;
- Produção não flexível;
- Estrutura de administração familiar;
- Joel Nogueira – Bremer – em 1964 recebeu um pedido da Mesbla e do Mappin de 10.000 peças, porém depois de ter feito todo o investimento necessário para cumprir o pedido, os compradores suspenderam a solicitação, causando prejuízos financeiros ao produtor;
- Não Tinham capital de Giro.
- A produção cearense ganhou mercado em decorrência de vários fatores de produção, com menores preços e maior produtividade;
- Não houve mobilização para recuperar, ou, incrementar através de redução de impostos, o desenvolvimento promovido pela indústria de confecções de Jequié.

APÊNDICE E - ENTREVISTA SOBRE O PÓLO DE CONFECÇÕES DE JEQUIÉ

Entrevistado: Carlos Roberto Machado (Secretário de Desenvolvimento Municipal)

Tudo começou, com Arlécio de oliveira, que possuía um pequeno atelier no fundo da sua residência, suas poucas máquinas eram semi-industriais, produzia calças e camisas sociais que eram vendidas nas feiras livres, basicamente uma camisa formava um conjunto com uma calça, e assim eram comercializadas de maneira conjunta. Mais tarde este atelier de Arlécio de oliveira originou a Estrela, uma das maiores indústrias de confecções de Jequié.

Na mesma época, meados de 1960 Arismar de Oliveira e o irmão de Arlécio de Oliveira, também iniciaram sua produção de roupas com as mesmas condições e modelagem do irmão. Esta experiência veio se transformar na fábrica Saci Perêê. Depois que os negócios começaram a se expandir a saci Perêê, se especializou em roupas infantis, enquanto a estrela produzia outros tipos de roupas para as demais idades. Havendo assim uma segmentação entre a estrela e a saci Perêê.

Neste mesmo período surgiram outras fabricas de fundo de quintal, uma de Joel noqueira que mais tarde se transformaria na Bremer, outra grande fábrica de roupas de Jequié, e a ESMERC de Esmeraldo Camurugi, além dessas surgiu no mesmo período a INGER atualmente LEBRUT.

No começo, tudo isso aconteceu com aplicação de recursos próprios. Quando as empresas começaram a deslanchar o Senai, deu apoio para treinamento e capacitação de pessoal. No apogeu do desenvolvimento das indústrias de confecções cerca de 3.000 empregos foram gerados pelas principais empresas (anos 80).

O processo de comercialização era através de pedidos, gerando um fluxo de caixa irregular, no qual muitas vezes era negativa devido aos custos fixos e encargos e impostos. Primeiro um vendedor sai tirando os pedidos junto aos clientes e só depois esses pedidos eram entregues na fábrica que ainda faziam o pedido da matéria prima e só depois eram fabricadas as encomendas.

Esse processo demorado e burocrático foi responsável por uma encomenda histórica de 10.000 peças realizada pela Mesbla, no entanto quando o processo já estava na fase de entrega da peças confeccionadas, o cliente suspendeu o pedido, devido à situação de concordata, enfim a estrela ficou com um débito com todo o custo realizado para produzir o pedido e, no entanto não tinha para quem vender imediatamente aquele volume de peças que deveria gerar receita para quitação dos débitos assumidos em decorrência desta encomenda.

O processo de pronta entrega (fluxo de caixa contínuo) tomou conta dos principais mercados produtores, sobre tudo no Ceará, enquanto em Jequié ainda se mantinha o sistema de pedidos. Por outro lado os empresários não se aperfeiçoaram no processo de fabricação, procurando investir em máquinas e processo que reduzissem cada vez mais os custos de produção, melhorando a qualidade dos produtos para não apenas manter o mercado conquistado, com também aumentar a fatia naqueles ainda não atingidos pelas confecções produzidas em Jequié. Hoje aproximadamente 400 empregos diretos são gerados pela indústria de confecções, e mais de 2.000 são resultados de ocupações com o setor através de facção com marcas famosas. Hoje existem em torno de 200 fabriquetas de fundo de quintal envolvidos com o processo de fabricação de vestuários, muitos ainda na informalidade, utilizando máquinas obsoletas fruto de pagamento das indenizações realizadas pelas fábricas que foram à falência e não tinham como pagar em dinheiro.

Muitos fatores são apontados como causa da crise no setor de confecções de Jequié:

- O próprio mercado, que se abriu a importação;
- A falta de planejamento financeiro para ajustar o fluxo de caixa;
- Arranjos produtivos locais mais voltados para a pequena e micro empresa;
- Falta de capital de giro, financiado a juros mais baratos;
- Máquinas mais eficientes para reduzir as perdas e melhorar a produtividade;
- Falta de gestão empresarial;
- Visão de mercado, acompanhando a mudança de produção e o processo de venda;

APÊNDICE F - ENTREVISTA SOBRE O PÓLO DE CONFECÇÕES DE JEQUIÉ

Entrevistado: Cláudio Machado (Analista III do Sebrae)

O Pólo de Jequié passou por uma crise estrutural provocada pela abertura de mercado e pelo baixo nível tecnológico que levou a falência empresas importantes, culminando com a diminuição da oferta de trabalho e enfraquecimento do Pólo de Confeccões.

A Indústria de confeccões de Jequié foi uma atividade predominante no segmento industrial no Município, participando com diversas unidades empresariais formais e informais, ou seja, 55,8 % do universo das empresas Industriais. A concentração de atividades deste gênero formou em Jequié um pólo de confeccões que já respondeu pôr 56% da produção setorial na Bahia e ocupava a primeira posição em termos de vendas.

As Confeccões tinham como mercado todo o Estado da Bahia e Sul do Brasil e em alguns casos chegou a exportar Roupas para Argentina.

Já respondeu pôr 56% da produção setorial na Bahia.

Baixo Nível Tecnológico em relação a outros pólos; abertura de Mercado (Confeccões da China); falta de Capital de Giro; Administração Familiar.

A Falta do Espírito Cooperativista do Setor e a necessidade de Políticas Públicas (Ex. Incentivos Fiscais) na época que pudessem interferir na crise do setor.

Existia mão de obra qualificada para enfrentar a concorrência, mas no segmento existia também a falta de recursos para investimentos em modernização tecnológica e aumento da Produção.

Não existia Estratégia organizada na época, foi tentado já quando o processo de falência estava instalado no setor algumas ações do Governo do Estado, Banco do Nordeste, SEBRAE para desenvolver um Projeto de Modernização Tecnológica do Parque de Confeccões, porém não houve resposta positiva dos empresários do setor, pois havia necessidades de investimentos financeiros em equipamentos o que não foi realizado.

Não havia Planejamento Estratégico!!!

Não tenho conhecimento de haver Investimento em pesquisas de forma coletiva para avaliar o posicionamento do setor perante o mercado. Temos informações que uma empresa do setor de forma individualizada fez este trabalho e conseguiu se sustentar e crescer no mercado.

Investir em um Planejamento Estratégico para abertura de novos mercados, buscar parcerias com instituições financeiras para investimentos a longo prazo e modernização dos equipamentos de produção. Implantação de modernas Tecnologias de Produção a Exemplo de Células de Produção ao invés de insistir no modelo de produção Operacional tradicional.

Implantar um Modelo de Trabalho Cooperativado incluindo as Grandes e Pequenas Empresas do setor, não segmentar o setor separando as grandes empresas das Micro e pequenas empresas existentes.

Foram propostos diversos projetos de revitalização do setor elaborados pelo SEBRAE com o objetivo de revitalizar o setor que tinham os objetivos abaixo descrito, más que não obtiveram sucesso na sua totalidade:

- Melhoria da qualidade do Produto;
- Aplicação de modernas tecnologias de Produção (3º mão da Costureira);
- Estruturação das Confeccões através do treinamento e da técnica da Confeccão Industrial;
- Melhoria nos métodos de trabalho;
- Treinamentos para aplicação do numero de pontos de luz;
- Estabelecimento de metas de Produção;
- Desenvolvimento de Consultoria de Mercado;
- Realização de Missão técnicas buscando o intercâmbio de novas tecnologias.